

PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Ana Flávia Vilioni e SILVA

Íris Cintra COUTO

Juliana Alves FRANÇA

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Aveiro COLARES

Resumo: O objetivo deste trabalho é refletir sobre a percepção dos professores de Ensino Fundamental acerca das dificuldades de aprendizagem presentes em sala de aula. Para tanto, a pesquisa é apresentada em duas partes: bibliográfica e de campo. Desta forma a parte bibliográfica é composta por teóricos como Santos (2002), Gadotti (1989), Moreira (1999), Paín (1985), Fonseca (2008), Freire (1980; 1992), Jardim (2005), entre outros; abordando primeiramente o processo ensino-aprendizagem e escolarização da criança, juntamente às diversas dificuldades de aprendizagem encontradas. Defende-se a importância do bom relacionamento entre professor e alunos e os benefícios que se pode obter aliado ao papel do professor, que será o motivador no processo ensino-aprendizagem. Na segunda parte, realizamos uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, através da elaboração de um questionário semi-estruturado para os professores de Ciclo I do Ensino Fundamental de uma escola pública Estadual da cidade de Franca. Assim, relacionamos teoria e prática no que se refere às dificuldades de aprendizagem e o que pode ser feito para que professores consigam, juntamente aos alunos, atingir resultados positivos não só no processo ensino-aprendizagem, mas também no contexto escolar. Para que chegássemos aos resultados da pesquisa, utilizamos o método de elaboração de categorias proposto por Minayo (1998; 1999). Dentre os dados coletados, pudemos perceber que as dificuldades de aprendizagem apresentam sinais na vida do aluno desde cedo devido a fatores cognitivos, psicológicos e ambientais e que também são confundidas, muitas vezes, com problemas comportamentais pelo fato da criança sentir-se desmotivada a aprender. A boa relação entre professor e aluno, ambiente escolar adequado, estratégias de ensino diferenciadas, presença da família na escola, motivação, afetividade e profissionais especializados são elementos importantes para o atendimento das dificuldades. No entanto, os participantes da pesquisa alegam a ausência destes fatores no contexto escolar, o que é um agravante, pois contribuem para a motivação do aluno e desenvolvimento pleno de suas capacidades. Além disso, percebe-se a necessidade da formação continuada tanto para os professores, quanto para a equipe escolar como um todo, já que devem estar preparados para formar cidadãos críticos e independentes, fortalecendo a autoconfiança dos mesmos em sua capacidade de aprender.

Palavras-chave: dificuldades de aprendizagem; processo ensino-aprendizagem; professor; aluno; motivação.

Abstract: The aim of this work is to reflect on the perception of the Elementary school teachers about the learning disabilities in the classroom. Therefore, the research is conducted in two stages: a bibliographical and a field one. Hence the bibliographical part is composed by theorists as Santos (2002), Gadotti (1989), Moreira (1999), Paín (1985), Fonseca (2008), Freire (1980; 1992), Jardim (2005), among others; talking firstly about the teaching-learning process and the process of children's schooling, together with the several students' learning disabilities. It also supports the importance of a good relationship between teacher and students and the benefits that can be obtained with the teacher's role, who is the motivator in the teaching-learning process. In the second part, a qualitative field research was carried out

through an elaboration of a semi-structured questionnaire for the teachers of an Elementary Cycle One Public State school in the city of Franca. Thus, we could connect theory and practice concerning the learning disabilities and what can be done so that teachers with students achieve positive outcomes not only in the teaching-learning process, but also in the school context. In order to achieve the survey outcomes, we used a method adopted by Minayo (1998; 1999) which is an elaboration of categories. Among the results of the field research, we could observe that the learning disabilities can be shown since the early years of life due to cognitive, psychological and environmental factors. These learning disabilities can be misunderstood many times, being considered behavior problems by the fact of the kid feel demotivated to learn. The good relationship between teacher and students, different teaching strategies, the presence of the family in the school, motivation, affection and specialized professionals are all important elements to solve the difficulties. However, the research participants claim that these factors are missing in the school context, which is an aggravating fact because they contribute to the student's motivation and also to the increasing of his or her capacities. Furthermore, the need of the continuing education for both teachers and the whole school staff could be observed, since they must be able to teach students to become critical and independent people, boosting their self-confidence to learn.

Key-words: learning disabilities; teaching-learning; teacher; student; motivation.

Introdução

No contexto atual, percebe-se uma diversidade de problemas relacionados ao ambiente escolar, tais como materiais precários, superlotação nas salas de aula, professores desmotivados, alunos desinteressados e, muitas vezes, a ausência da família na vida escolar do aluno. Frente a esta realidade, o fato de uma criança apresentar algum tipo de dificuldade de aprendizagem pode ser confundindo com problemas comportamentais.

Em um estudo mais aprofundado sobre o tema, percebe-se que as dificuldades de aprendizagem são causadas por uma série de fatores, e não, apenas, por aspectos que envolvam o mau comportamento dos alunos. Estes fatores, seja de origem psicológica, ambiental ou orgânica, podem influenciar o desenvolvimento das dificuldades encontradas e caso não haja nenhuma medida para lidar com a situação, a criança poderá se prejudicar, tanto em relação à aquisição do conhecimento, quanto na desmotivação para com a aprendizagem.

Desta forma, ao desenvolver este trabalho, o nosso interesse é investigar qual a percepção do professor de Ensino Fundamental – Ciclo I – de uma escola Pública Estadual acerca das dificuldades de aprendizagem, entendidas como fatores que interferem e prejudicam o processo ensino-aprendizagem da criança. Escolhemos abordar este período escolar pelo fato de que o índice de dificuldades de aprendizagem é maior, pois as crianças passam por um momento de transição, sendo nem sempre facilmente assimilado por todas.

Para tanto, iniciamos nossa pesquisa abordando autores que discutem como ocorre o processo de aprendizagem, tais como Fonseca, Gadotti, Piaget e Vygotsky. Em seguida, apresentamos o processo de escolarização formal das crianças e o que são as dificuldades de aprendizagem, parte essencial para o desenvolvimento deste trabalho. Logo após, discutimos brevemente as principais dificuldades encontradas no cotidiano escolar. E por fim, apresentamos o papel do professor no processo ensino-aprendizagem, na sua relação com o aluno e também sua percepção acerca das dificuldades de aprendizagem na sala de aula.

Com o objetivo de enriquecer o nosso trabalho, realizamos uma pesquisa de campo qualitativa com professores do Ensino Fundamental de uma escola Pública Estadual, para sabermos, na prática, a opinião destes sobre o tema abordado e também o trabalho que é feito com as crianças que apresentam algum tipo de dificuldade, para assim chegarmos a possíveis conclusões acerca da proposta inicial da nossa pesquisa.

Através disso, será possível também fazer uma avaliação de como está o processo ensino-aprendizagem, propondo uma revisão da prática pedagógica no contexto escolar a fim de refletir sobre possíveis melhorias na mediação do professor como motivador dos estudos do aluno.

1 Considerações sobre a aprendizagem

A linguagem é o meio pelo qual nos expressamos, comunicamos, evoluímos, e, sobretudo, é através dela que nos constituímos como seres históricos sociais. Ela, portanto, é o que nos diferencia de todos os outros seres, pois nos possibilita interferir, conscientemente, no mundo. Assim,

Tudo o que o homem é, é-o devido à linguagem. Só pela linguagem pode haver comunicação. Só pela linguagem se podem exteriorizar pensamentos e sentimentos. Só pela linguagem se pode viver em sociedade civilizada. Só pela linguagem se pode evoluir. E só pela linguagem se pode conceber a existência (2010, online).

Desta forma, considerando O Caminho da Verdade (2010, online), a linguagem foi um marco para a evolução humana, pois permitiu ao homem primitivo se desenvolver. Ele aprendeu, através de suas experiências, não só a formular generalizações, concretizar abstrações, analisar e compreender, se conhecer melhor, mas, aprendeu, principalmente, a se comunicar, o que contribuiu, sem dúvida alguma, para a evolução da espécie e, conseqüentemente, da linguagem. Logo, aquele homem que utilizava a língua como defesa

evoluiu e se tornou um ser racional, capaz de pensar, expressar suas ideias, decidir e escolher a melhor opção.

Devido ao fato de que a linguagem humana é significativa, ela está intimamente ligada ao desenvolvimento do pensamento – a primeira etapa alcançada pela linguagem. Segundo Gadotti (1989, p. 114), “a linguagem é tão extraordinariamente importante na sofisticação cognitiva crescente das crianças quanto no aumento de sua afetividade social, pois a linguagem é o meio pelo qual a criança e os adultos sistematizam suas percepções.”.

Assim, à medida que nosso cérebro se desenvolve, de acordo com Viagem Fantástica do corpo humano (online) adquirimos qualidades concernentes apenas à nossa espécie: aprendemos a falar e o nosso processo cognitivo se desenvolve gradativamente. Além disso, nos tornamos mais independentes, adquirimos consciência da nossa individualidade, passamos a compreender o mundo à nossa volta.

“A aprendizagem é uma função do cérebro. Não há uma região específica do cérebro que seja exclusivamente responsável pela aprendizagem. O cérebro é no seu todo funcional e estrutural responsável pela aprendizagem. A aprendizagem é uma resultante de complexas operações neurofisiológicas. Tais operações associam, combinam e organizam estímulos com respostas, assimilações com acomodações, situações com ações [...], etc” (FONSECA, 1995, p. 128).

Uma fase da vida, totalmente, voltada para o aprendizado é a infância humana, pois é neste período que começamos a descobrir a relação entre as pessoas e o mundo que nos rodeia, aprendemos regras e limites, iniciamos a escola. De acordo com Eslinger (2003), nosso cérebro se desenvolve durante todas as fases da vida, porém este desenvolvimento é muito mais intenso durante a infância – período em que cresce rapidamente.

Assim, até os dez anos de idade, qualquer neurônio é um bom aprendiz. Além disso, as experiências vivenciadas durante esta época são de grande importância, pois poderão deixar marcas no desenvolvimento de cada pessoa (OLIVEIRA, 1996).

O cérebro é uma estrutura tão complexa que, de acordo com os melhores especialistas que se dedicaram a estudá-lo, não existe nada igual em todo o Universo (OLIVEIRA, 1989). Ainda, considerando Oliveira (1996), quanto mais jovem, maior a plasticidade das células, ou seja, maior a sua capacidade para criar conexões, que definem as habilidades e a personalidade de cada indivíduo.

O sistema nervoso é responsável, assim, por formar as sinapses (conexões entre as células), qualquer informação nova é gravada nos neurônios, sendo a emoção um

importante fator que colabora para sua fixação. Este sentimento está presente até nas atividades mais banais do nosso cotidiano. (OLIVEIRA, 1989). Deste modo, por exemplo, “Toda vez que se lê um texto, os trechos mais marcantes, agradáveis ou desagradáveis, ganham mais sinapses no cérebro. É o afeto que ajuda a determinar a importância e a permanência de um registro na memória” (OLIVEIRA, 1989, online).

Podemos afirmar, pois, que “A aprendizagem compreende por consequência uma relação integrada entre o indivíduo e seu envolvimento, do qual resulta uma plasticidade adaptativa de comportamento ou de condutas.” (FONSECA, 1995, p. 128)

De acordo com Santos (2002), o processo de aquisição de aprendizagem possui seis características básicas. Primeiramente, é um processo *dinâmico*, pois depende do indivíduo em relação aos seus aspectos físico, emocional, intelectual e social. É, também, um processo *contínuo*, pois desde o seu nascimento, o ser humano já inicia o processo de aprendizagem. De acordo com Piaget (apud MOREIRA, 1999), a criança nasce com alguns esquemas sensorio-motores como chupar, olhar, tentar pegar objetos, os quais servem para sua interação inicial com o ambiente que a cerca; os outros adquirimos ao longo da vida.

Além disso, Santos (2002) afirma ainda que a aprendizagem é um processo *global* já que para o ser humano aprender, é necessário um equilíbrio entre os aspectos motores, emocionais e mentais. Ela é também um processo *pessoal*, pois acontece de forma individual e, por isso, é intransferível. Piaget (apud MOREIRA, 1999) afirma que o comportamento humano não tem padrões hereditários, a criança se desenvolve à medida que cresce.

Outra característica é a *gradação* com que a aprendizagem ocorre, pois se faz necessário um aumento dos desafios propostos. Assim, as situações devem tornar-se cada vez mais complexas para que a aprendizagem ocorra de fato (SANTOS, 2002).

Assim como Piaget (apud MOREIRA, 1999) afirma, é necessário, primeiramente uma assimilação da situação (utilizar o organismo (mente) na interação do sujeito com o objeto), mesmo que esta deforme a realidade. Mas, ao passo que, não conseguimos efetuar, com sucesso, esta assimilação, o organismo (mente) desiste ou se modifica para tentar entendê-la, e temos, portanto, o processo de acomodação.

É através das acomodações (que, por sua vez, levam à construção de novos esquemas de assimilação) que se dá o desenvolvimento cognitivo. Se o meio não apresenta problemas, dificuldades, a atividade da mente é, apenas, de assimilação, porém diante deles, ela se reestrutura (acomodação) e se desenvolve (MOREIRA, 1999, p. 100).

Piaget ainda (apud MOREIRA, 1999) afirma que o comportamento humano não tem padrões hereditários, a criança se desenvolve à medida que cresce. Além disso, o equilíbrio presente nos estágios e períodos do desenvolvimento cognitivo é de grande importância para o ensino devido ao fato de que

[...] ensinar (ou, em um sentido mais amplo, educar) significa, pois, provocar o desequilíbrio no organismo (mente) da criança para que ela, procurando o reequilíbrio (equilíbrio majorante), se reestruture cognitivamente e aprenda. O mecanismo de aprender da criança é sua capacidade de reestruturar-se mentalmente buscando um novo equilíbrio (novos esquemas de assimilação para adaptar-se à nova situação) (MOREIRA, 1999, p. 103).

Portanto, o ensino deve ativar este mecanismo. Porém deve estar claro que esta ativação deve ser compatível ao nível de desenvolvimento mental da criança. Ensinar “seria criar situações (seriadas e graduadas, compatíveis com o nível de desenvolvimento da criança) que ‘forcem’ a criança a reestruturar-se (equilíbrio majorante)” (OLIVEIRA LIMA, 1980 apud MOREIRA, 1999, p. 103).

Por último, mas não menos importante, a aprendizagem é um processo *cumulativo*, pois

[...] resulta sempre das experiências vividas pelo indivíduo que servem como patamar para novas aprendizagens. Ninguém aprende sozinho, por si e em si mesmo, pela auto modificação. Desta maneira, a aprendizagem constitui um processo cumulativo, em que a experiência atual aproveita-se das experiências anteriores. (SANTOS, 2002, p. 11-12)

Podemos notar que a experiência é um fator preponderante também na teoria de Vigotsky, um dos mais importantes psicólogos da Rússia. Deste modo, Vigotsky (apud SANTOS, 2002) entende que o desenvolvimento do conhecimento acontece através de uma grande influência das experiências dos indivíduos, fazendo com que a sua relação com o meio social contribua para seu aprendizado. Portanto, opondo-se aos behavioristas que se preocupavam com aspectos observáveis do comportamento, Vigotsky (apud PALMER, 2006, p. 53) “acreditava que a mente se desenvolve para refletir sobre a realidade social”.

Deste modo, no próximo capítulo abordaremos como ocorre o início da escolaridade da criança

Em síntese, a aprendizagem constitui uma mudança de comportamento resultante da experiência. Trata-se de uma mudança de comportamento ou de conduta que assume várias características. É uma resposta modificada, estável e durável, interiorizada e consolidada no próprio cérebro do indivíduo (FONSECA, 1995, p. 127).

Assim observaremos adiante como a experiência aliada a outros fatores podem contribuir para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem.

2 O processo de escolarização no ensino fundamental

O início da escolaridade formal, que corresponde ao período do ensino fundamental, é uma importante tarefa evolutiva na vida da criança. De acordo com Loureiro (2008, p. 68), é um período caracterizado:

[...] pela aquisição de habilidades diversas, através de experiências que enriquecem as possibilidades da criança, mas também exigem um ritmo de integração entre os variados aspectos que fazem parte da sua vida, incluindo a escola, os amigos e a família.

Há a expansão da rede de relacionamentos interpessoais, na qual a criança relaciona-se com uma diversidade maior de maneiras de ser, expressões emocionais e comportamentais (CARVALHO, 2008). E isso causa um impacto muito grande, que pode ser assimilado facilmente ou não. A este processo soma-se ainda os obstáculos presentes na vida de algumas crianças, como por exemplo, a pobreza: condição externa ao indivíduo.

Lima, Mello, Massoni e Ciasca (2006), em uma pesquisa sobre as dificuldades de aprendizagem, realizaram um levantamento com crianças de 05 a 13 anos encaminhadas ao ambulatório com queixa sobre alguma dificuldade de aprendizagem e, apontaram que 72% das mesmas frequentavam da 1º à 4º série. Os autores afirmam que uma das causas desse elevado número deve-se ao fato de que, o processo de alfabetização vem acontecendo durante a Educação Infantil – processo marcado pela preparação da criança para o desenvolvimento de suas habilidades escolares; porém, isto deveria acontecer a partir da 1º série (LIMA, MELLO, MASSONI, CIASCA, 2006).

De acordo com Allende e Condemarin (apud LIMA, MELLO, MASSONI, CIASCA, 2006, p. 189), “muitas vezes uma criança pode estar preparada para ler do ponto de vista de suas funções perceptivas, visuais e auditivas, mas não nos aspectos de seu desenvolvimento cognoscitivo e linguístico”. E diante disso, os autores apontam que muitas das dificuldades encontradas no início do processo de alfabetização podem ser superadas durante o amadurecimento de suas funções cognitivas.

Durante este processo, segundo Erikson apud Loureiro (2008), há a formação da identidade pessoal da criança, a qual acontece através da resolução de conflitos de aquisições, sendo a aprendizagem “o produto da interação das necessidades que vão se

modificando e, assim, configurando novos conflitos” (LOUREIRO, 2008, p. 68), que influenciam a maneira como novas etapas no desenvolvimento serão experimentadas posteriormente.

No período escolar, além do aluno lidar com as exigências do ensino formal, há também os aspectos emocionais que se fazem presentes na relação com os professores, colegas e também no desempenho das avaliações. Ainda de acordo com Loureiro (2008, p. 68), a escola “caracteriza-se como um contexto que oferece à criança parâmetros de comparação entre seus próprios recursos com os de outras crianças e de adultos com os quais passa a relacionar-se”.

É importante ressaltar que cada criança é única, apresentando características peculiares no processo ensino-aprendizagem. Cada uma possui seu estilo, seu tempo e sua história. Para Nucci (1997) devemos entender o fato de que a criança pode ou não estar preparada para iniciar seu processo de alfabetização devido ao fato de que antes sua única preocupação era brincar.

Levando isso em conta, a recreação em sala de aula é essencial. Conforme Almeida (2008, online),

Os professores, realizando atividades recreativas com as crianças, permitem-lhes vivenciar o cultivo de uma reflexão sobre si mesmos e do que lhes dá prazer para conquista de sua liberdade. Atividades recreativas em sala de aula fazem o processo de aquisição e construção do conhecimento, bem como de interação interpessoal e vivência de atitudes serem, sobretudo, prazerosos para o aprendente e, portanto, indispensáveis nas escolas do século XXI.

O ambiente em que a criança está inserida possui grande relevância neste processo. De acordo com Nucci (1997) é na família que se inicia o processo de alfabetização da criança, através de “atividades da vida diária, a partir do uso de materiais escritos, juntamente com figurativos, disponíveis na casa” (p. 1), e condições de estímulo oferecido à mesma. As relações estabelecidas em casa são refletidas no processo de alfabetização.

Segundo Almeida (2008), os primeiros cinco anos de vida da criança é marcado por um vínculo muito forte com a mãe. Por conta disso, ao iniciar a escola, o aluno pode apresentar um grau de dependência pelos pais muito alto, tendo sintomas como angústia e mal-estar no ambiente escolar. Logo, o processo de adaptação ao meio deve ocorrer da maneira mais saudável possível, pois tanto o ambiente quanto as pessoas ainda são desconhecidas pela criança.

Ainda conforme o autor, a criança expande sua rede de relacionamentos e o professor passa a ser uma figura de substituição da mãe, e por isso não pode estar alheio à sua vida, para que possa de fato entender as dificuldades encontradas. Dificuldades estas que serão melhor abordadas nos próximos capítulos.

3 As dificuldades de aprendizagem e a abordagem no contexto escolar

Antigamente, as crianças detectadas com problemas na aprendizagem, geralmente eram encaminhadas para classes ou escolas especiais para receber um ensino diferenciado (FONSECA, 2008). Assim, tornavam-se marcadas de forma negativa, fazendo parte de um segmento social marginalizado, no qual as possibilidades para que suas potencialidades fossem ampliadas eram baixíssimas. A criança passava a ser considerada pelas pessoas como um ser incapaz de produzir conhecimento.

De acordo com Fonseca (2008), ainda hoje, em relação àquelas crianças que apresentam algum comportamento que se desvie dos padrões considerados normais, a possibilidade de um problema mental é a primeira hipótese a ser considerada ou, então, para Amaral (2011), o termo dificuldade de aprendizagem vem sendo confundido, tanto pelos pais quanto pelos professores, como desatenção em sala de aula ou desobediência. Considera-se um sujeito dotado somente de cabeça, sem levar em conta seu corpo, sentimentos e emoções, o que gera um julgamento equivocado. Há poucas décadas, este procedimento vem se modificando:

[...] em decorrência, principalmente, dos avanços nas pesquisas neurológicas comprovando a plasticidade do cérebro que, mesmo lesado, tem condições de reconstituir-se e garantir seu funcionamento, bem como da Psicologia, em especial a Psicanálise, cuja contribuição está sendo significativa no sentido de colaborar para que a criança seja também considerada como dotada de sentimentos, que desde a vida intrauterina influenciam seu comportamento. A Pedagogia, igualmente, acabou por repensar a sua prática, investigando mais profundamente a relação ensino-aprendizagem. E todos esses profissionais, atuando integradamente, deram um impulso à questão (FONSECA, 2008, p. 12).

O conceito de aprendizagem, ainda segundo Fonseca (2008), expandiu-se para além do conhecimento formal e acadêmico, no qual, qualquer sujeito, independentemente de seu comprometimento corporal, orgânico, cultural ou psicológico, “relaciona e elabora aprendizagem, pois é um ser social, que estabelece relações vinculares durante toda a sua existência” (FONSECA, 2008, p. 12).

Os processos de aprendizagem e construção do conhecimento são naturais e espontâneos:

[...] o ser humano que desde muito cedo aprende a mamar, falar, andar, pensar, garantindo assim, a sua sobrevivência. Com aproximadamente três anos, as crianças são capazes de construir as primeiras hipóteses e já começam a questionar sobre a existência. A aprendizagem escolar também é considerada um processo natural, que resulta de uma complexa atividade mental, na qual o pensamento, a percepção, as emoções, a memória, a motricidade e os conhecimentos prévios estão envolvidos e onde a criança deve sentir o prazer em aprender (FONSECA, 2008, p. 13).

A aprendizagem está relacionada com o pensar, sentir, falar e agir (WEISS apud LOUREIRO, 2008), sendo que, rupturas ou inibições neste processo implicam em dificuldades. Como consequência destas, temos, por exemplo, o atraso escolar e o baixo rendimento, que envolvem ainda uma complexidade de fatores.

Para Paín (1985, p. 13), as dificuldades de aprendizagem “são aquelas que atentam contra a normalidade deste processo, qualquer que seja o nível cognitivo do sujeito”, e não permitem ao sujeito aproveitar suas possibilidades.

José e Coelho (2006) ao tratar deste assunto, referem-se a “situações difíceis enfrentadas pela criança” (p. 23) e complementam o que diz Paz (apud JOSÉ e COELHO, 2006, p. 23):

[...] podemos considerar o problema de aprendizagem como um sintoma, no sentido de que o não-aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como um sinal de descompensação.

Já de acordo com Smith e Strick (2001, p. 15), “o termo dificuldades de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico.” Segundo as autoras, raramente, elas podem ser atribuídas a uma única causa: diversos aspectos podem prejudicar o funcionamento do cérebro. Elas apontam o baixo desempenho inesperado como o mais comum das consequências deste processo.

Ainda conforme as autoras, atrasos desenvolvimentais, desempenho inconsistente, perda de interesse pela aprendizagem, comportamentos ou problemas emocionais persistentes, declínio na confiança e na autoestima, são sinais de alerta para que se identifique dificuldades de aprendizagem (SMITH e STICK, 2001).

Normalmente as pessoas restringem o conceito de aprendizagem àquilo que ocorre no ambiente escolar. Porém, o termo possui um sentido mais abrangente, que envolve nossos hábitos, nossa vida afetiva, assim como nossos valores culturais. Para José e Coelho

(2006, p. 11), “a aprendizagem se refere a aspectos funcionais e resulta de toda estimulação ambiental recebida pelo individuo no decorrer da vida”.

Fonseca (2008) aponta a necessidade de compreender o processo de aprendizagem de maneira global e integrada, levando-se em conta seus processos orgânicos, cognitivos, emocionais, familiares, sociais e pedagógicos, que determinam a condição do sujeito.

Ainda conforme Fonseca (2008, p. 14): “raramente as dificuldades de aprendizagem têm origens apenas cognitivas”. É necessário observar algum comprometimento no seu desenvolvimento psicomotor, linguístico ou emocional, desestruturação familiar, inclusive as condições de aprendizagem que a própria escola oferece a esse aluno.

Como a aprendizagem é um processo que envolve diversos fatores, José e Coelho (2006) também veem a necessidade de se enxergar a criança como um todo ao apresentar dificuldades, de forma que seja avaliada em aspectos variados: “o professor não pode se esquecer de que o aluno é um ser social com cultura, linguagem e valores específicos aos quais ele deve estar sempre atento, inclusive para evitar que seus próprios valores não o impeçam de auxiliar a criança em seu processo de aprender” (JOSÉ e COELHO, 2006, p. 24).

De acordo com Smith e Strick (2001), embora as dificuldades tenham uma base biológica, a família, escola e o ambiente, determinam a gravidade deste impacto, levando ou não, a melhorias. Dentre os fatores biológicos, destacam-se lesão cerebral, erros no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios neuroquímicos e hereditariedade (SMITH e STRICK, 2001).

Sobre os diversos elementos que podem resultar em problemas de aprendizagem, Paín (1985) aponta fatores orgânicos, psicológicos, específicos e ambientais. Em relação aos fatores orgânicos, a autora nos diz que “a origem de toda aprendizagem está nos esquemas de ação desdobrados mediante o corpo” (PAÍN, 1985, p. 29), e que é necessária assim, a integridade anatômica e de funcionamento dos órgãos, e também dos dispositivos que garantem sua coordenação no sistema nervoso central. Paín (1985) aponta a necessidade de uma investigação neurológica do sistema nervoso central para conhecer sua adequação às demandas da aprendizagem:

O sistema nervoso sadio se caracteriza, a nível de comportamento, pelo seu ritmo, sua plasticidade, seu equilíbrio. Isto lhe garante harmonia nas mudanças e consequência na conservação. Pelo contrário acontece quando há lesões ou desordens corticais (primárias, genéticas, neonatais ou pós-encefalíticas, traumáticas, etc.), encontramos uma conduta rígida, estereotipada, confusa, viscosa,

patente na educação, perceptivo-motora (hipercinesias, espasticidade, sincinesias, etc.), ou na compreensão (apraxias, afasias, certas dislexias) (PAÍN, 1985, p. 29).

Além disso, a autora aponta a necessidade do sujeito alimentar-se corretamente, em quantidade e qualidade, as condições de abrigo e sono, que podem ter como consequências problemas cognitivos (PAÍN, 1985).

No que diz respeito aos fatores específicos, de acordo com Paín (1985), existem alguns transtornos na área da adequação perceptivo-motora, no qual suspeita-se que sua origem seja orgânica, porém não existe esta possibilidade. Estes transtornos aparecem na aprendizagem da linguagem, sua articulação e lecto-escrita, e manifestam-se em uma série de perturbações, tais como “a alteração da sequência percebida, a impossibilidade de construir imagens claras de fonemas, sílabas e palavras, a inaptidão gráfica, etc.” (PAÍN, 1985, p.30). E podemos encontrar dificuldades também na análise e síntese dos símbolos, aptidão sintática e atribuição significativa.

Paín também afirma que existem os fatores psicológicos, os quais também podem implicar em problemas de aprendizagem. De acordo com Chaves e Santos (2002), fantasia, ansiedade, inibição, angústia, sentimento de rejeição e inadequação à realidade são alguns desses fatores. Almeida (2002) aponta também os fatores emocionais, que são de ordem psicológica e estão ligados “as emoções e aos sentimentos dos indivíduos e à sua personalidade” (p. 39).

Por fim, temos os fatores ambientais, que estão relacionados “ao meio ambiente material do sujeito, às possibilidades reais que o meio lhe fornece, à quantidade, à qualidade, frequência e abundância dos estímulos que constituem seu campo de aprendizagem habitual” (PAÍN, 1985, p. 33). Aqui, são importantes as características de moradia, bairro e escola; disponibilidade de acesso a lazer e esportes; assim como acesso aos diversos canais de cultura (jornal, rádio, televisão, etc.) e abertura profissional que o meio oferece ao sujeito.

Paín (1985) defende o fator ambiental como determinante no diagnóstico do problema de aprendizagem, pois a partir dele, compreendemos sua relação com a ideologia e valores vigentes em determinado grupo: “o problema de aprendizagem que se apresenta em cada caso, terá um significado diferente porque é diferente a norma contra a qual atenta e a expectativa que desqualifica” (PAÍN, 1985, p. 33).

Consideramos aqui a experiência como um fator importante na vida da criança. Segundo Gagné (apud JOSÉ e COELHO, 2006), os acontecimentos vivenciados pelo sujeito em casa, escola ou outros ambientes sociais, por exemplo, são significativos e determinam o que ele aprende, além de contribuir para a pessoa que se tornará.

Devemos lembrar que o ambiente familiar possui grande influência também. De acordo com Fonseca (2008), é com os pais e com a família que a criança se interage primeiro, e conforme vai desenvolvendo-se, aperfeiçoa-se. Estas relações construídas são levadas quando a criança inicia a escola, e influencia a produção deste sujeito. “É preciso uma dinâmica familiar saudável, uma relação positiva de cooperação, de alegria e motivação” (FONSECA, 2008, p. 15).

Na família, segundo José e Coelho (2006, p. 12):

A criança retém definitivamente os sentimentos que seus pais têm em relação a ela e à vida em geral. Esses sentimentos serão a base para o conceito que ela formará de si própria (autoconceito) e de mundo. Uma criança que é desprezada aprende a desprezar-se; uma criança que é amada e aceita tenderá a desenvolver atitudes positivas para a formação do seu autoconceito.

Porém, não se deve atribuir somente à família esta responsabilidade, pois uma série de fatores podem estar envolvidos neste processo. Muitos professores e educadores tendem a culpar o meio familiar pelo comportamento do aluno:

Sempre há uma desculpa dos fatores que levam o aluno a ter dificuldades. Preguiça, lentidão ou apenas falta de atenção ou de interesse são algumas delas, que muitas das vezes são usadas pelos educadores como forma de tirar de suas costas a responsabilidade, no entanto, essas desculpas tendem a contribuir para o agravamento dessas dificuldades, deixando o aluno cada vez mais desmotivado a aprender (FONSECA, 2008, p. 16).

Consideramos importante ressaltar que, de acordo com Fonseca (2008), não podemos desconsiderar o fracasso do aluno na sua relação com o fracasso da escola, pois esta não está pronta para lidar com a diversidade de seus alunos. Há também outros fatores que podem interferir na vida escolar: “problemas de relacionamento professor-aluno, as questões de metodologia de ensino e os conteúdos escolares” (FONSECA, 2008, p. 15).

Para que a criança obtenha um progresso intelectual, além de serem capazes para aprender, devem ter oportunidades apropriadas para isto. O sistema educacional deve oferecer uma educação para que os alunos desenvolvam uma plena faixa de capacidades. No entanto, isto nem sempre acontece: “é óbvio que salas de aula abarrotadas, professores sobrecarregados ou pouco treinados e suprimentos inadequados de bons materiais didáticos comprometem a capacidade dos alunos para aprender” (SMITH e STRICK, 2001, p. 33).

Muitos alunos com problemas de aprendizagem tornam-se vítimas da incapacidade das escolas em ajustar-se às diferenças individuais de cada um. Para Smith e Strick (2001), um ambiente escolar inapropriado pode levar deficiências leves a tornarem-se

mais graves, mas o contrário também pode acontecer. Quando os alunos estão em uma sala de aula em que os professores são criativos e flexíveis, por exemplo, e as condições de ensino são apropriadas, as dificuldades podem diminuir e até desaparecer.

Apesar disso, a escola é um espaço privilegiado “para o bom desenvolvimento da aprendizagem, pois, através dela, o aluno pode ter um convívio direto com novas perspectivas de conhecimentos e diferentes contatos com indivíduos ímpares” (FONSECA, 2008, p. 17). Conforme a autora, mesmo que consideremos uma série de fatores, dentre eles, motivação, autoestima e envolvimento dos pais, é a qualidade do ensino que fará a diferença: “a paciência, o apoio e o encorajamento prestado pelo professor serão com certeza os impulsionadores do sucesso escolar do aluno, abrindo-lhe novas perspectivas para o futuro” (CORREIA apud FONSECA, 2008, p. 17).

Segundo Smith e Strick (2001, p. 16), “quando os problemas de aprendizagem não são compreendidos como tais, só ajudam a convencer os pais e os professores de que a criança não está fazendo um esforço para cooperar ou não está prestando a devida atenção”, fazendo com que apresente agressividade, desinteresse, desatenção, irresponsabilidade, tornem-se deprimidos e até mesmo isolem-se socialmente (FONSECA, 2008). Estas crianças, também são, na sua grande maioria, rotulados de “aluno- difícil ou aluno-problema”, fadados ao fracasso escolar. Para Fonseca (2008, p. 14), “a dificuldade acarreta sofrimentos e nenhum aluno apresenta baixo rendimento por vontade própria”.

Os alunos com dificuldades de aprendizagem, segundo José e Coelho (2006), não conseguem acompanhar o currículo escolar estabelecido e fracassam. Por isso acabam tachados de retardados mentais, perturbados emocionalmente e até mesmo como alunos fracos.

Há também o fato de que a frustração e o embaraço, devido ao fraco desempenho, destroem a motivação e autoconfiança da criança. Para Smith e Strick (2001, p. 63), “as expectativas são reduzidas e o entusiasmo pela educação é perdido”.

As dificuldades de aprendizagem, “definidas como problemas que interferem no domínio de habilidades escolares básicas” (SMITH e STRICK, 2001, p. 63), geralmente são identificadas a partir do momento em que a criança começa a apresentar os “sintomas”. É adotado o “esperar para ver” para que se tome alguma atitude: “na realidade as crianças convivem sozinhas com seus problemas por vários anos até seus problemas serem identificados ou um meio de ajudá-los” (SMITH e STRICK, 2001, p. 63). A demora na identificação destes problemas gera o aumento de sua gravidade.

Para Fonseca (2008), a criança que não desenvolve e adquire conhecimento como os outros colegas, deve ser identificada e acompanhada de perto.

Após alguns meses de trabalho (3 - 6 meses) dentro da sala de aula sem um progresso na aprendizagem o aluno merece uma atenção especial e deverá ser encaminhado à orientação pedagógica da escola que já deve estar ciente do caso. São crianças muitas vezes consideradas como imaturas que não evoluíram satisfatoriamente (FONSECA, 2008, p. 19).

Os profissionais da escola, como professor e orientadores pedagógicos, por exemplo, são os principais elementos que podem contribuir para a identificação destas dificuldades de aprendizagem, pois tem papel principal na formação da criança (FONSECA, 2008).

É necessária uma ação conjunta de orientação entre aluno, família e professor, para que juntos busquem meios para lidar com estas dificuldades, buscando a intervenção de um profissional especializado (FONSECA, 2008), para que o aluno torne-se independente, criador e protagonista de seu próprio conhecimento: “levar o aluno a pensar e buscar informações para o seu desenvolvimento educacional, cultural e pessoal é uma das tarefas primordiais e básicas da educação. Para isso se fazem necessárias medidas urgentes e precisas” (FONSECA, 2008, p. 18).

3.1 As principais dificuldades de aprendizagem

As dificuldades de aprendizagem referem-se a um distúrbio, que interfere no desempenho escolar da criança, possuindo origens cognitivas, emocionais ou neurológicas. De acordo com Amaral (2011, online):

[...] significa uma perturbação num ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou na utilização da linguagem falada ou escrita que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler, escrever, soletrar, ou fazer cálculos matemáticos.

Para que as dificuldades de aprendizagem sejam tratadas de forma efetiva e superadas, Smith e Strick (2001) defendem a importância de se compreender de forma precisa em quais áreas os déficits são encontrados. Isto é necessário para uma avaliação do programa educacional, determinar os tipos de mudanças necessárias e estabelecer objetivos tanto na escola quanto em casa.

Ainda segundo as autoras, as crianças devem estar cientes dos seus problemas:

em geral, quanto mais os jovens com problemas de aprendizagem sabem sobre seus próprios padrões de recursos e fraqueza, mais propensos estão para aceitarem a si mesmos, a defenderem o que é melhor para seu caso e a planejarem estratégias que minimizem suas deficiências e maximizem suas habilidades e talentos (SMITH e STRICK, 2001, p. 37).

Estas crianças precisam de incentivo e apoio para que creiam em si e nas suas possibilidades de sucesso, pois o ponto mais importante, de acordo com Smith e Strick (2001), é que não percam o interesse pela aprendizagem, pois este sim seria o maior problema.

A seguir, temos algumas das principais dificuldades de aprendizagem encontradas no cotidiano escolar, sendo que o foco principal deve ser a autoestima do aluno para que este não tenha o desejo de desistir (SMITH e STRICK, 2001).

- **Dislexia:** de origem genética e hereditária, a criança com dislexia possui uma dificuldade em aprender a ler. Segundo a *Associação Brasileira de Dislexia* (ABD, 1983),

[...] o funcionamento cerebral depende da ativação integrada e simultânea de diversas redes neuronais para decodificar as informações, no caso, as letras do alfabeto. Quando isso não acontece adequadamente, há uma desordem no caminho das informações, dificultando o processo da decodificação das letras, o que pode, muitas vezes, acarretar o comprometimento da escrita. (ABD, 1983, online)

Podem aparecer dificuldades com a linguagem, escrita e ortografia. Amaral (2011) ressalta ainda que podem ocorrer trocas e omissões de letras, inversão silábica, e no momento da leitura, o aluno pode pular linhas do texto.

- **Disgrafia:** é uma dificuldade do tipo funcional, que afeta a escrita na sua forma ou significado. A *Associação Portuguesa de Pessoas com Dificuldades de Aprendizagem Específicas – APPDAE* define a disgrafia como:

[...] perturbação na componente motora do ato de escrever, provocando compressão e cansaço muscular, que por sua vez são responsáveis por uma caligrafia deficiente, com letras pouco diferenciadas, mal elaboradas e mal proporcionadas (APPDAE, 2008, online).

- **Discalculia:** esta dificuldade está relacionada a números e cálculos. Segundo Amaral (2011), “de um modo geral os portadores não identificam os sinais das quatro operações e não sabem usá-los, não entendem enunciados de problemas, não conseguem quantificar ou fazer comparações, não entendem seqüências” (AMARAL, 2011, online).

- **Dislalia**: é uma dificuldade relacionada à emissão da fala. Como principais características, Amaral (2011, online) aponta: “pronúncia inadequada das palavras, com trocas de fonemas e sons errados, tornando-as confusas”.

- **Disortografia**: apresenta-se na escrita, e muitas vezes, pode ser consequência da dislexia. Neste caso é comum “a troca de grafemas, desmotivação para escrever, aglutinação ou separação indevida das palavras, falta de percepção e compreensão dos sinais de pontuação e acentuação” (AMARAL, 2011, online).

- **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade**: segundo a *Associação Brasileira do Déficit de Atenção - ABDA* (1999), este transtorno é de ordem neurológica, que apresenta seus primeiros sinais na infância, e geralmente acompanha o sujeito ao longo de sua vida. Sintomas como desatenção, impulsividade, inquietude e falta de concentração são comuns. Smith e Strick (2001) falam que o déficit de atenção pode ocorrer com ou sem hiperatividade. É muito importante um diagnóstico médico, pois atualmente, é perceptível em muitas crianças algum tipo de agitação ou nervosismo e, por isso, acabam sendo tachadas de hiperativas. (AMARAL, 2011)

Normalmente, as crianças que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem apresentam também outros sintomas como: “a tristeza, a timidez e a perda de iniciativa, agressividade, a ansiedade, tem dificuldade em se relacionar com os colegas” (AMARAL, 2011, online), e o professor não percebe qual é o real problema, rotulando-as de aluno problema.

Este tipo de aluno se faz cada dia mais presente no cotidiano escolar, e a escola deve “reconstruir” a figura deste, mero receptor inicialmente, para tornar-se produtor de conhecimento e autor de sua própria história:

Levar o aluno a pensar e buscar informações para o seu desenvolvimento educacional, cultural e pessoal é uma das tarefas primordiais e básicas da educação. Para tanto é primordial que se leve em consideração as dificuldades de aprendizagem, não como fracassos, mas como desafios e serem enfrentados, e ao se trabalhar essas dificuldades, trabalha-se respectivamente a dificuldades existentes na vida, dando-lhes a oportunidade de ser independente e de reconstruir-se enquanto ser humano e indivíduo (AMARAL, 2011, online).

O caminho para o tratamento das dificuldades de aprendizagem tem início na relação de igual para igual estabelecida com o aluno, e no processo de aprendizagem trazido de forma significativa para a vida do mesmo. Sendo assim, as dificuldades de aprendizagem

devem ser consideradas desafios que estão presentes no processo de ensino-aprendizagem e não como problemas insolúveis (AMARAL, 2011).

4 O papel do professor e a relação com o aluno

O ser humano vive em sociedade desde o momento em que se intera com o meio e com o outro, e traz consigo experiências, vivências, crenças e personalidades diversas que estão interligadas no processo de aprendizagem dos alunos. A interação e o conhecimento entre o professor e aluno, têm total importância. De acordo com Freinet (apud Fonseca 2008), a interação entre o mestre e o estudante é essencial para a aprendizagem, e o mestre consegue esta sintonia, levando em consideração o conhecimento da criança, fruto de seu meio.

Completa Fonseca (2008, p.14):

“É preciso que o professor atente para as diferentes formas de ensinar, pois, há muitas maneiras de aprender. O professor deve ter consciência da importância de criar vínculos com os seus alunos através de atividades cotidianas, construindo e reconstruindo sempre novos vínculos mais fortes e positivos”.

A relação professor-aluno está intimamente ligada à facilitação no processo de ensino aprendizagem:

Nesse encontro, seres vivos, seres humanos, confinados dentro dos limites da classe, se defrontam, se comunicam se influenciam mutuamente. [...] Mesmo estando limitados por um programa, um conteúdo, um tempo predeterminado, normas diversas da instituição de ensino etc., o professor e o aluno, interagindo, formam o cerne do processo educativo. Conforme o rumo que tome o desenvolvimento desta interação, a aprendizagem do aluno pode ser mais ou menos facilitada [...] (ABREU e MASETTO apud AQUINO, 1990, p. 22).

Ainda com Fonseca (2008), torna-se então necessário que o professor tenha em mente que um bom relacionamento com seus alunos se constrói a partir da atenção e aproximação do mesmo às diferenças encontradas no ambiente escolar. Além disso, considerando que em uma mesma sala de aula, encontramos alunos com bagagens culturais, contextos sociais ou mesmo níveis de aquisição diversificados, é importante lembrar que o professor deverá incluir todos os alunos, sem exceção, nas atividades propostas.

Levando em conta a interação e o bom relacionamento entre o professor e o aluno, é necessário que o ensino-aprendizagem não seja algo unidirecional, ou seja, a sala de aula será o local onde o professor e o aluno irão trocar conhecimentos diversos. O papel do professor, assim, não será apenas o de transmitir o conteúdo proposto, mas incentivar o pensamento de seus alunos no intuito de torná-los cidadãos críticos. Para tanto, Libâneo (1998)

afirma que a escola deve proporcionar a todos uma formação que ajude o aluno a transformar-se em um sujeito pensante, capaz de utilizar seu potencial de pensamento na construção e reconstrução de conceitos, habilidades e valores.

E completa o autor que, torna-se necessário ao professor, o conhecimento de estratégias de ensino e desenvolvimento de suas próprias competências de pensar, além da abertura durante as aulas, para a reflexão dos problemas sociais, possibilitando aulas mais democráticas, através de um saber emancipador. Pois, tal saber emancipador para atuação crítica da realidade, significa contextualizar um determinado tema de estudo, compreendendo suas ligações com a prática vivenciada pela humanidade (LIBÂNEO, 1998, p. 42).

Para isto, afirma Moisés (1999), que o professor deve ter ciência quanto à sua função de educador, de facilitador do ensino-aprendizagem pelo sucesso de seus alunos dentro e fora da escola, sua competência como profissional da educação é, com certeza, um dos fatores de grande peso quando pensamos na melhoria da qualidade do ensino. E completa o autor que “tal aprendizagem só irá ocorrer se quem ensina souber conduzir o processo na direção desejada, o que implica reconstrução do saber” (MOISÉS, 1994, p. 25).

Segundo Feracine (1990, p. 62), “não educa para a criatividade quem não aprende a ser criativo”. Assim, cabe ao professor além dos ensinamentos teóricos, a utilização de sua criatividade em sala de aula para tornar os alunos capazes de refletir criticamente sobre temas gerais e globalizados, relacionando-os com problemas cotidianos dos mesmos, para que possam ser cidadãos ativos no contexto político e social em que vivem.

O professor, assim, tem que se preparar adequadamente para o exercício da docência, tanto para os conteúdos que envolvam questões culturais, políticos e sociais, como a competência técnica e científica que exige. Buscar tal preparo junto com a vontade e desejo de exercer a função de professor no processo ensino-aprendizagem, também é um dos fatores que vão possibilitar sucesso na aprendizagem.

Desta forma, afirma Freire (1992, p. 11): “É na fala do educador no ensinar (intervir, devolver, encaminhar), expressão do seu desejo, casado com o desejo que foi lido, compreendido pelo educando, que ele tece seu ensinar”. Ensinar e aprender são movidos pelo desejo e pela paixão.

Ao incentivar e conduzir os alunos para a reflexão crítica dos conteúdos propostos pelo professor é necessário que haja uma troca de conhecimentos e vivências entre professor e aluno, com intuito de estarem sempre em um processo de aquisição de novos conhecimentos e visões diferentes de mundo.

Assim, a relação entre professor e aluno, aliada a um ensino que envolva o diálogo entre as duas partes, é de suma importância. Ressalta Freire (1980, p. 23): “o diálogo é um encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orienta-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar”.

O diálogo será um fator indispensável para que o professor esteja próximo aos seus alunos. Ainda com Freire (1980), o diálogo é uma relação horizontal, nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança. É possível notar que o diálogo e o fator afetivo estão muito próximos, segundo o autor, e ambos contribuem para um resultado de sucesso no ensino-aprendizagem dos alunos.

Quando há em sala de aula o desafeto ou mesmo a desconfiança entre o aluno e o professor, já se cria uma barreira para a aquisição do conhecimento. Por este motivo, a educação afetiva deve estar aliada ao processo ensino-aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Completa assim, Pimentel (1967), que a afetividade é quem direciona todos os nossos atos e que na verdade, é o elemento que mais influencia na formação de nosso caráter.

E ainda, “se os alunos se sentem infelizes e ressentidos com respeito à disciplina e ao ambiente social da escola, não aprenderão muita coisa enquanto estiverem na escola nem permanecerão nela muito mais do que devem” (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980, p. 382).

Desta forma, a afetividade tem o poder de desenvolver e consolidar o elo que o professor tem com o aluno, propiciando o desenvolvimento e interesse pelas atividades propostas. Se o desafeto se torna algo presente nesta relação, conseqüentemente o aluno terá um bloqueio não só em seu relacionamento com o professor, mas também pelo conteúdo proposto. Assim afirma Codo (1999, p.50): “Sem uma relação afetiva ampla e abrangente, o processo de desenvolvimento acontece de forma desarmônica, isto é, determinados aspectos da pessoa ficam atrofiados, sobretudo no que diz respeito às emoções”.

Considerando então o diálogo e a afetividade, o processo de ensino-aprendizagem torna-se algo mais próximo à realidade dos alunos, tendo a aceitação e interesse deles; e quando os mesmos também são participantes ativos e compreendem as atividades e conteúdos propostos, sentem-se mais competentes e motivados em sala de aula.

Ainda no contexto da afetividade em sala de aula, Lopes (1991, p. 146) afirma que “[...] as virtudes e valores do professor que consegue estabelecer laços afetivos com seus alunos repetem-se e intrincam-se na forma como ele trata o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve” e expõe a importância da metodologia utilizada pelo professor, se este explora e

incentiva o potencial de seus alunos exercendo práticas pedagógicas didáticas que auxiliam o processo de ensino-aprendizagem.

É função do professor tornar prazeroso este processo de aprendizagem, despertando a curiosidade de seus alunos, considerando o contexto em que vivem e suas relações pessoais ao desenvolver as atividades, visto que esta situação de aproximação e prazer nem sempre será algo já existente entre os alunos.

É importante que o professor não se preocupe somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também com o processo de construção da cidadania do aluno, como já citado anteriormente. O professor será o mediador entre os conteúdos da aprendizagem e das atividades construtivas da assimilação.

Assim afirma Morales (2000) que, como somos pessoas diferentes, também devemos ver o papel do professor de maneira diferente e não limitada apenas à condutas acadêmicas como explicar, esclarecer, corrigir, examinar.

Logo, a relação entre o professor e o aluno será satisfatória quando o professor realmente estiver ciente de sua função de educador, motivador e facilitador do ensino-aprendizagem, de modo que saiba ouvir, conduzir, observar as necessidades de seus alunos conduzindo-os para um aprendizado que forme cidadãos críticos e participante ativos na sociedade em que vivem – com direitos e deverem a cumprirem.

E, é possível destacar que o modo de agir do professor, diante de seus alunos, será totalmente relevante:

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade, que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos. O modo de agir do professor em sala de aula, fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor (ABREU; MASETTO apud AQUINO, 1990, p.115).

De acordo com as teorias e estudiosos citados, é possível concluir que o professor tem papel indispensável quanto à aproximação e aceitação dos alunos com os estudos e atividades propostas, juntamente a observação de cada aluno em específico.

Afirma Jardim (2005):

Sabe-se que para aprender são necessários um “ensinante” e um “aprendente” que interagem. (...). Entretanto, essa regra não é lembrada quando se trata de fracasso na aprendizagem, pois só o aluno é observado nesse processo, não sendo levantada a hipótese de o Sistema de Ensino (professores e coordenadores) e familiar participarem desse fracasso ou produzirem sintomas culturais que venham a gerá-lo. Necessariamente, nas Dificuldades de Aprendizagem estão envolvidos o aluno e todo sistema que ensina (JARDIM, 2005, p. 147).

Desta forma, ao surgir situações que envolvam certa dificuldade de aprendizagem por parte dos alunos, o professor deve se atentar não somente aos métodos de ensino-aprendizagem utilizados, mas observar se o contexto escolar propicia e incentiva o conhecimento do novo, ou mesmo se este aluno tem um ambiente familiar equilibrado, assim como toda a cultura que traz consigo.

Afirma Novaes (1986) que, o indivíduo ao ingressar na escola já teve experiências relacionadas a diversas situações e irá reagir ao ambiente escolar de acordo com condicionamentos anteriores, sendo frequente encontrar crianças que não conseguem se adaptar ou mesmo ter um rendimento satisfatório em seus estudos, seja por ansiedade, tensões psíquicas ou falta de comprometimento. Devemos considerar também o fator emocional em que os alunos se encontram, partindo dos estudos de Piaget quanto à relação da cognição e do emocional.

Ao observar que o aluno está distante de seus outros colegas de sala ou não está tendo um rendimento satisfatório, o professor deverá ser o motivador para que o processo ensino-aprendizagem ocorra com resultados positivos, propondo atividades e métodos de ensino que aproximem a realidade de seus alunos ao que eles estão aprendendo em sala de aula e propiciem a eles algo que os estimulem a aprender.

Assim como nos diz, Smith e Strick (2001), as dificuldades de aprendizagem não estarão ligadas a um único distúrbio ou causa, mas a uma gama de problemas que podem afetar o desenvolvimento do aluno, e atrasos desenvolvimentais devem servir de alerta para os professores, no intuito de buscarem alternativas que proponham melhorias quanto ao desenvolvimento de seus alunos e os motivem no processo de ensino-aprendizagem.

5 Metodologia

5.1 A pesquisa qualitativa e o desenho metodológico do estudo

A fim de obter uma compreensão mais próxima da realidade acerca das dificuldades de aprendizagem e considerando a frequência com que o tema vem sendo tratado no cotidiano escolar, foi elaborado um questionário para que professores atuantes no Ensino Fundamental de uma escola Pública Estadual pudessem responder, contribuindo assim, para o enriquecimento de nosso trabalho.

Para tanto, utilizou-se a pesquisa qualitativa, que de acordo com Minayo (1999), contribui de maneira significativa no esclarecimento dos processos sociais que

permeiam as relações humanas, que se formam em determinados contextos sociais. Além disso, esta abordagem permite um aprofundamento nas interpretações de dados quantitativos, contribuindo assim, para abranger fatos não contemplados, muitas vezes, em função de um rigor matemático.

A investigação, seguindo os pressupostos da abordagem qualitativa, considera que todo acontecimento a ser investigado se enquadra em uma determinada perspectiva teórica, incluindo uma história e uma cultura dentro de uma dada realidade social. Desta forma, a pesquisa qualitativa busca pela compreensão dos fenômenos, através de uma abordagem fenomenológica, que segundo Bogdan e Biklen (1994), tentam compreender o “significado” dos acontecimentos, fenômenos e relações sociais entre os sujeitos.

Ainda sobre o enfoque qualitativo, realizar uma investigação científica seguindo estes pressupostos, é assumir uma posição de “estranhamento” a priori, para que se possa conhecer o novo e se afastar do “preconceito” de um dado fenômeno.

Por fim, segundo Minayo (1999), ao se desenvolver uma proposta de investigação, é importante reconhecer a conveniência e utilidade dos métodos disponíveis no desenrolar das etapas da pesquisa. Uma pesquisa de base social requer um acompanhamento maior da realidade, não podendo se restringir a dados quantitativos. No entanto, conforme Silva (1998), é necessário considerar que as estratégias utilizadas na pesquisa qualitativa podem seguir múltiplas opções, para chegarmos à uma aproximação mais adequada ou abrangente do tema que será estudado.

5.2 Procedimento para coleta de dados

Com o objetivo de enriquecer o trabalho apresentado e investigar a percepção dos professores de Ensino Fundamental acerca das dificuldades de aprendizagem, abordando como o tema vem sendo tratado no cotidiano escolar, foi realizada uma pesquisa de campo. Inicialmente, foi enviado à escola participante um ofício para autorização da pesquisa (ANEXO A). Em seguida, foram tomados os devidos cuidados relativos à obtenção do consentimento dos professores, sendo sugerido que eles assinassem o Termo de Consentimento Pós-Informação (ANEXO C), após terem lido os Esclarecimentos aos Participantes da Pesquisa (ANEXO B), o que garante a preservação da identidade dos participantes, bem como sua autonomia.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário semi-estruturado (ANEXO D), com questões abertas sobre as dificuldades de aprendizagem, na qual o entrevistado

discorre sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador (MINAYO, 2004), e as questões fechadas (ou estruturadas), abordaram algumas questões de natureza sócio demográficas.

5.3 Procedimento para a análise de dados

Nos procedimentos propostos para a análise dos dados, destacou-se a proposta de Minayo (1994 e 1999) e Lefreve e Lefreve (2003), que abordam diversas estratégias no que se refere à pesquisa qualitativa. Estes autores buscam apreender o significado dos discursos emitidos pelos atores sociais do estudo, buscando compreender de forma mais autêntica possível, as representações contidas nesses discursos.

Assim, optou-se por desenvolver um roteiro de procedimentos, que possibilitou uma melhor sistematização dos dados obtidos de todas as entrevistas. Foi adotado o seguinte método:

1 - Expressões – chave: As expressões-chave (ECH) são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso obtido, que devem ser destacadas pelo pesquisador e que revelam a essência do depoimento.

2 - Ideias Centrais: Trata-se de um nome ou de uma expressão linguística que revela e descreve, de maneira sintética, precisa e o mais autêntica possível o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo das expressões-chave. De acordo com Minayo (1994), as ideias centrais são as categorias empíricas, que são um tema, uma denominação dada a um conjunto de falas que possuem significados semelhantes.

Seguindo este modelo, como uma forma didática de operacionalizar os dados, a cada releitura das entrevistas realizadas, eram formulados quadros com as principais expressões-chave identificadas. Assim, foi descrito os seguintes passos na técnica de análise dos dados, seguindo alguns passos do modelo de Lefévre; Lefreve (2003) e Minayo (1999):

Instrumento de Análise 1 - A identificação das expressões-chaves nas falas dos professores: Esse instrumento, representado ao longo do trabalho através de Quadros, identifica nas falas de cada participante o que é chamado de “expressões-chave” dos seus discursos que consideramos como uma sequencia importante para a elaboração das categorias empíricas.

Instrumento de Análise 2 - Identificação das Ideias Centrais: Todas as expressões-chave que contenham ideias centrais similares são agrupadas em categorias empíricas; os discursos são agrupados porque traduzem um sentido semelhante.

Neste sentido, a cada expressão-chave destacada era associada uma ideia central, que se transformava depois em uma categoria empírica.

	Idade	Sexo	Estado Civil	Procedência
P1	47	Feminino	Casado	Franca
P2	45	Feminino	Casado	Franca
P3	37	Feminino	Outros	Franca
P4	51	Feminino	Casado	Franca
P5	41	Feminino	Solteiro	Franca
P6	25	Feminino	Solteiro	São Paulo - capital
P7	50	Feminino	Outros	Franca

5.4 Contextualização da escola

A pesquisa de campo do presente trabalho foi realizada na Escola Estadual Rosa Maria Machado¹ da Rede Pública do Ensino Fundamental, atendendo as séries do Ciclo I. Localizada na cidade de Franca – SP, foi fundada no ano de 1.985. Na escola há 12 salas de aula nos períodos diurno e vespertino em que cerca de 23 professores ministram aulas. As aulas de Artes e Educação Física acontecem no período oposto às outras aulas. A instituição de ensino não apresenta programas diferenciados aos finais de semana.

5.5 Caracterização dos participantes

Os participantes desta pesquisa foram nove professores de uma Escola Pública Estadual de Ensino Fundamental da cidade de Franca. Os dados demográficos em relação aos participantes do estudo encontram-se descritos nas tabelas abaixo:

Tabela 1: Caracterização dos participantes do estudo quanto aos dados sócio demográficos.

¹ Utilizamos nome fictício para preservar a identidade da escola.

P8	55	Feminino	Casado	Outros estados
P9	43	Feminino	Outros	Franca

A **Tabela 1** representa a caracterização demográfica referente à participação dos nove professores do Ensino Fundamental, na entrevista realizada. Todos os participantes são do sexo feminino e, conforme indicam os dados, a maioria - sete do total de nove professores - tem a procedência dentro do município de Franca.

Tabela 2: Nível de escolaridade dos pais dos professores participantes da pesquisa.

	Profissão do pai	Profissão da mãe	Escolaridade do pai	Escolaridade da mãe
P1	Aposentado	Aposentada	1º grau	1º grau
P2	Agricultor	Do lar	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo
P3	Falecido	Falecida	-	-
P4	Mecânico	Costureira	-	-
P5	Comerciante	Comerciante	-	-
P6	Contador	Cozinheira	Superior completo	Ensino Médio completo
P7	Administrador de Empresa	Professora	Superior completo	Magistério
P8	-	-	-	-
P9	Eletricista	Do lar	1º grau incompleto	1º grau incompleto

Na **Tabela 2** são representados os dados profissionais e escolaridade dos pais dos professores entrevistados da pesquisa. Quatro dos nove participantes optaram por não responder sobre o assunto, e os demais descreveram as profissões da figura paterna em aposentado, agricultor, mecânico, administrador, entre outros e, em relação ao grau de escolaridade, apenas dois possuem o Ensino Superior Completo e dois com o Ensino Fundamental incompleto. Sobre as mães, temos resultados semelhantes quanto à escolaridade, em que é visto o Magistério como formação, Ensino Médio e Fundamental completos e uma com o Ensino Fundamental incompleto. Entre as profissões, há costureira, professora, comerciantes e do lar.

Tabela 3: Dados educacionais dos professores participantes da pesquisa.

	Escolas que frequentou		
	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
P1	Escola Pública	Escola Pública	Faculdade Privada
P2	Escola Pública	Escola Pública	Faculdade Privada
P3	Escola Pública	Escola Pública (Magistério)	Faculdade Privada (Pedagogia)
P4	Escola Pública	Escola Privada	Faculdade Privada
P5	Escola Pública	Escola Privada (Pestalozzi)	Faculdade Pública (UNESP)
P6	Escola Pública	Escola Pública	Faculdade Privada
P7	Escola Privada (Pestalozzi)	Escola Pública (EETC)	Faculdade Privada
P8	Escola Pública	Escola Pública	Faculdade Privada

A **Tabela 3** expressa quais as instituições em que os participantes da pesquisa cursaram o Ensino Fundamental, Médio e Superior. No primeiro, dos nove participantes apenas um cursou o ciclo em uma escola privada, Pestalozzi, e, os demais, cursaram em escolas da rede pública. Quanto ao Ensino Médio, dois professores estudaram no ensino privado e os outros sete no ensino público, em relação ao último - Ensino Superior, os resultados se invertem, pois oito professores fizeram a graduação em faculdades privadas e apenas um em uma faculdade pública.

Tabela 4: Formação no Ensino Superior dos professores participantes da pesquisa.

	Curso que fez	Duração do curso	Ano em que se formou
P1	Letras	4 anos	2003
P2	Ciências exatas	4 anos	1989
P3	Pedagogia	-	2008
P4	Pedagogia	3 anos	1982
P5	Pós-graduação em História e Alfabetização	2 anos	2010
P6	Pedagogia	3 anos	2008
P7	Pedagogia e Pós graduação	4 anos	1985
P8	Pedagogia com especialização em D.M.	3 anos	1982
P9	Pedagogia	-	2002

A **Tabela 4** aborda a formação dos professores que estão lecionando na Escola participante da pesquisa. Observa-se que seis dos nove professores cursaram Pedagogia; um Letras; outro Ciências Exatas e outro História. Um professor apresenta curso de especialização e outros dois, pós-graduação. Os cursos frequentados tiveram a duração de 2 a 4 anos, e foram realizados em sua maioria em Instituições Particulares, salvo um professor, que frequentou Instituição Pública.

Tabela 5: Experiência docente dos professores participantes da pesquisa.

	Tempo na docência	Escola Particular		Escola Pública		Nível escolar de atuação
P1	-	-	-	-	-	Ensino fundamental
P2	26 anos	Sim	1 ano	Sim	25 anos	Ensino Fundamental
P3	10 anos	Sim	4 anos	Sim	6 anos	Ensino Fundamental
P4	28 anos	-	-	Sim	28 anos	Ensino Fundamental
P5	12 anos	-	-	Sim	12 anos	Ensino Fundamental e Médio
P6	6 anos	Sim	8 meses	Sim	6 anos	Ensino Fundamental e Educação Infantil
P7	25 anos	Sim	25 anos	Sim	20 anos	Ensino Fundamental

P8	28 anos	-	-	Sim	28 anos	Ensino Fundamental e Educação Especial
P9	18 anos	-	-	Sim	18 anos	Ensino Fundamental

De acordo com a **Tabela 5**, relacionada à experiência docente dos entrevistados, observamos que quatro participantes estão na docência no período de 6 a 12 anos, cinco estão lecionando há mais de 18 anos. Todos sempre lecionaram no Ensino Fundamental, salvo exceções que lecionaram também no Ensino Médio, Educação Infantil e Educação Especial. Entre os dados coletados, temos ainda que todos já estiveram em Escola Pública, e apenas 4 professores já lecionaram em Escola Particular.

Tabela 6: Disciplinas lecionadas pelos professores participantes da pesquisa.

	Disciplinas já lecionadas		Disciplina que leciona atualmente	
	Disciplinas	Séries	Disciplinas	Séries
P1	-	2º e 3º anos	-	3º ano
P2	Matemática e Ciências	-	Fundamental I - alfabetização	2º ano
P3	Polivalente	Pré Escola ao 4º ano	Polivalente	2º ano
P4	Polivalente	2º ao 5º ano	Polivalente	4º ano
P5	História	-	Polivalente	Séries iniciais do E.F.
P6	Português e Matemática	2º ano	Português e Matemática	2º ano
P7	Polivalente	Todas as séries	Polivalente	5º ano
P8	Polivalente	-	Polivalente	-
P9	Polivalente	-	Polivalente	5º ano

Como pode ser visto na **Tabela 6**, temos as disciplinas que os professores já lecionaram durante a experiência docente, e quais estão lecionando, atualmente, no Ensino Fundamental. Observamos que seis, dos nove professores já lecionaram ou lecionam como professores polivalentes, ou seja, as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, o que ocorre a partir do 2º ano. Dois professores estão lecionando nas séries iniciais do Ensino Fundamental, com as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, na qual os alunos estão passando pelo processo de alfabetização

5.6 Resultados e discussão

Como já descrito nos procedimentos de análise dos dados, após a identificação das expressões-chave (instrumento de análise 1) de cada tema, passou-se então para o levantamento de categorias empíricas (instrumento de análise 2) definidas na sequência

através de quadros. Nessa etapa foram levantadas, a partir das expressões-chave mais significativas, a essência do discurso dos participantes, verificando temas recorrentes entre os mesmos e definindo assim as categorias que são descritas nos quadros abaixo. Além disso, é possível perceber as inter-relações entre as categorias selecionadas e os referenciais teóricos, buscando responder à proposta inicial da pesquisa, o que possibilita também promover relações entre teoria e prática.

Quadro 1: Instrumento de análise 1: Expressões-chaves referente à questão: *Fatores importantes para a aprendizagem dos alunos.*

Questão 1	Expressão-Chave
1 – Quais os fatores você acha que são importantes para a aprendizagem dos alunos?	<p>P1 - <i>“Apoio familiar, maturidade, boas condições emocionais e psicológicas do aluno”.</i></p> <p>P2 - <i>“Aula e ambiente atraente. Acompanhamento dos pais”.</i></p> <p>P3 - <i>“Comprometimento do professor e dedicação do trabalho; participação da família na escola; interesse dos alunos e ambiente escolar favorável”.</i></p> <p>P4 - <i>“Motivação da criança e comprometimento dos professores”</i></p> <p>P5 - <i>“Motivação, ambiente propício, materiais adequados”.</i></p> <p>P6 - <i>“Unindo família e escola a aprendizagem dos alunos se torna mais significativa”</i></p> <p>P7 - <i>“O aluno deve acreditar na sua capacidade de aprender, de vencer e de transformar a realidade”.</i></p> <p>P8 - <i>“Falta de apoio das famílias (acompanhá-los nas atividades de casa)”.</i></p> <p>P9 - <i>“Considerar o aluno como sendo ‘único’, cada um com seu tempo (ritmo). Criar vínculo afetivo, praticando a pedagogia do afeto”.</i></p>

Quadro 2: Instrumentos de análise 2: Categorias empíricas levantadas referente à questão: *Fatores importantes para a aprendizagem dos alunos.*

Tema 1	Categorias Empíricas levantadas
1 – Fatores importantes para a aprendizagem dos alunos.	<p>1.1 - Apoio da família na vida escolar do aluno;</p> <p>1.2 - Ambiente escolar e professores motivadores;</p> <p>1.3 - Comprometimento do professor;</p> <p>1.4 - Aluno participante ativo do processo de aprendizagem;</p> <p>1.5 – Afetividade;</p>

Como pode ser observado no Quadro 2, em relação à questão 1, sobre os fatores considerados importantes para a aprendizagem dos alunos, percebe-se que o ponto mais citado pelos participantes foi o apoio e envolvimento da família no processo de ensino-aprendizagem do aluno fora e dentro do ambiente escolar. De fato, a família tem um papel fundamental na educação dos filhos. Segundo Fonseca (2008), a família é o meio em que a criança tem suas primeiras experiências, e este precisa ser saudável, pois influenciará na produção e desenvolvimento deste sujeito.

Outro ponto será um contexto escolar motivador e adequado, propiciando o desenvolvimento pleno das capacidades cognitivas e psicológicas – no que se refere ao bem-estar do aluno, pois é importante lembrar que, de acordo com Weiss (apud LOUREIRO, 2008), a aprendizagem é um processo em que o falar, agir, sentir e pensar estão conectados. Fonseca (2008) nos diz que quando a escola não está bem preparada, o aluno é prejudicado no que se refere à aquisição do conhecimento. Por exemplo: salas lotadas, professores desmotivados e pouco treinados e materiais didáticos inadequados comprometem o processo de ensino-aprendizagem.

Pode-se ainda completar com a resposta do participante: *“Para uma boa aprendizagem a criança precisa de um ambiente alfabetizador com livros, músicas e estímulos pedagógicos para motivar. Também necessita de participação ativa dos pais e familiares. Unindo família e escola a aprendizagem dos alunos se torna mais significativa”* (P6).

Aqui tem-se a junção de vários pontos importantes para que o professor tenha sucesso no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, tais como ambiente escolar e materiais motivadores e a presença da família.

Outros fatores citados pelos participantes foram professores motivados e a relação afetiva entre professor e aluno. Estes dois pontos estão intimamente ligados, visto que, se o professor desempenha e tem ciência que seu papel, como facilitador do processo de ensino-aprendizagem, é o de trazer seus alunos para perto do conteúdo proposto de maneira que eles se interessem e participem do processo de ensino-aprendizagem, assim como afirma Moisés (1999), automaticamente estabelece um bom relacionamento com a sala de aula, o que está dentro do contexto da afetividade.

Sobre a importância da afetividade e que condiz com a teoria estudada nesse trabalho, temos a afirmação na pesquisa: *“Acho importante considerar o que os alunos já sabem, sua bagagem, e a partir daí construir novos conhecimentos. Considerar o aluno como*

sendo 'único', cada um com seu tempo (ritmo). Criar vínculo afetivo, praticando a pedagogia do afeto" (P9).

De acordo com Codo (1999) a afetividade é um fator preponderante para que haja o interesse do aluno pelo que é proposto pelo professor, desta forma haverá o desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem de forma harmônica, ou seja, não havendo o desafeto ou mesmo o bloqueio dos alunos em relação aos professores e com o conteúdo.

Quadro 3: Instrumento de análise 1: Expressões-chaves referente à questão: *Principais dificuldades encontradas em sala de aula.*

Questão 2	Expressão-Chave
2 – Quais são as principais dificuldades encontradas em sala de aula?	P1– <i>“Falta o apoio e o interesse dos pais pela vida escolar do seu filho, professores mal preparados e desmotivados com baixos salários, comportamento e indisciplina dos alunos”</i> . P2– <i>“O desinteresse dos alunos e dos pais; alunos portadores de deficiência”</i> . P3– <i>“Lidar com as diferenças no que diz respeito à inclusão”</i> . P4– <i>“Comprometimento da família na valorização dos estudos das crianças”</i> . P5– <i>“Alunos em diferentes níveis de aprendizagens; indisciplina; falta de compromisso com os estudos”</i> . P6– <i>“Desinteresse dos pais que não estimulam e não motivam seus filhos para o estudo”</i> P7 - <i>“Encontrar alunos indisciplinados e desinteressados”</i> . P8 – <i>“Falta de compromisso com as crianças (dos pais)”</i> . P9 – <i>“Falta de compromisso de alguns pais com o estudo dos filhos; omissão em alguns casos da equipe de gestores da escola; falta de formação continuada”</i> .

Quadro 4: Instrumentos de análise 2: Categorias empíricas levantadas referente à questão: *Principais dificuldades encontradas em sala de aula.*

Tema 2	Categorias Empíricas levantadas
2 – Principais dificuldades encontradas em sala de aula.	2.1- Desinteresse da família e dos alunos em relação aos estudos; 2.2- Professores mal preparados; alunos indisciplinados. 2.3- Inclusão e alunos com deficiências especiais; 2.4- Diferentes níveis de aprendizagens e indisciplina dos alunos. 2.5- Omissão da equipe gestora; falta de formação continuada.

No quadro referente à Questão 2, seis, dos nove participantes apontaram como principais dificuldades encontradas em sala de aula, o desinteresse da família na vida escolar dos filhos. É possível notar que, a ausência da família, na percepção dos professores, é um ponto muito importante em relação às dificuldades de aprendizagem e interesse dos alunos pelas aulas propostas, pois os pais, em muitos casos se isentam da responsabilidade sobre a educação e formação escolar de seus filhos, pensando de forma equivocada que todo este papel é função da escola e do professor (FONSECA, 2008).

Outro ponto citado, que pode ser relacionado como apenas um tópico, é o desinteresse e indisciplina dos alunos. Observamos que o ambiente escolar deve ser algo atrativo e que o professor se atente as diferentes formas de ensinar, assim como nos diz Fonseca (2008), respeitando as diferenças de cada aluno, para que as aulas sejam inovadoras, tragam um material que esteja próximo à realidade dos alunos e conseqüentemente desperte o interesse e motivação para o aprender.

Quando o aluno está interessado e motivado tende a manter um melhor comportamento em sala de aula e conseqüentemente um rendimento satisfatório quanto à aprendizagem. É de suma importância que o professor não generalize os problemas de comportamento com problemas de indisciplina, assim como afirma Amaral (2011).

Referente a essa questão, percebe-se que dois participantes apontaram a inclusão de alunos portadores com deficiência como uma dificuldade encontrada na realidade do ensino. Porém, vale ressaltar que estes casos não se enquadram nas chamadas “dificuldades de aprendizagem”, mas é uma realidade muito presente atualmente. As Leis de Diretrizes e Bases da Educação (1996) apontam que deve haver um atendimento educacional gratuito especializado aos alunos portadores de necessidades especiais, preferencialmente, na rede regular de ensino, no entanto, através das respostas dos professores, vê-se que estes não estão preparados para lidar com estes casos, o que acaba prejudicando tal aluno.

Quanto à dificuldade que os próprios professores sentem ao lidar com a inclusão em sala de aula, temos a contribuição de um dos participantes: “*Neste momento a minha principal dificuldade é lidar com as diferenças no que diz respeito à inclusão*” (P-3).

Ainda sobre as dificuldades encontradas em sala de aula, a falta da formação continuada é algo presente no cotidiano escolar, o que influencia no sistema educacional como um todo, pois consideramos que todo professor deve estar em formação constante, para que saiba lidar com as diversas situações vivenciadas na atualidade.

Em relação ao tópico da “*omissão da equipe de gestores da escola*”, o participante não respondeu a pergunta de forma exemplificadora, mas pudemos entender

como o fechar de olhos da direção e/ou coordenação da escola em relação aos problemas e dificuldades encontradas no dia a dia, o que é totalmente contrário ao que nossa teoria propõe.

Quadro 5: Instrumento de análise 1: Expressões-chaves referente à questão: *Percepção responsabilidade sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos.*

Questão 3	Expressão-Chave
3 – O que você pensa sobre a dificuldade de aprendizagem dos alunos? A quem você atribui essa responsabilidade?	<p>P1 – <i>“São os vários fatores acima mencionados”.</i></p> <p>P2 – <i>“Para escola e também para família. Para a escola quando o Estado não oferece profissionais para atender as crianças com dificuldades (fono/psicóloga)”.</i></p> <p>P3 – <i>“Cabe a nós professores estimulá-los para que descubram o tempo certo e despertem para novos aprendizados”.</i></p> <p>P4 – <i>“A responsabilidade é de todos envolvidos com o aluno: professor, família e profissionais responsáveis”.</i></p> <p>P5 – <i>“A todos (escola, família, sociedade em geral -> governo)”.</i></p> <p>P6 – <i>“Muitos casos, são negligência da família que não se preocupam e nem ajudam na vida escolar da criança”.</i></p> <p>P7 – <i>“Há um conjunto de variáveis que interferem nos resultados: alunos que apresentam déficit de atenção e hiperatividade, nível de conhecimento dos professores, relação professor-aluno, planejamento prévio, etc.”.</i></p> <p>P8 – <i>“Problemas emocionais que as crianças apresentam”.</i></p> <p>P9 – <i>“Nos esbarramos com problemas que estão fora do nosso alcance, não temos preparo; conhecimento específico para atuar com o aluno”.</i></p>

Quadro 6: Instrumentos de análise 2: Categorias empíricas levantadas referente à questão: *Percepção e responsabilidade sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos.*

Tema 3	Categorias Empíricas levantadas
3 – Percepção e responsabilidade sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos.	<p>3.1- Família;</p> <p>3.2- Escola;</p> <p>3.3- Professores e a falta de conhecimento específico;</p> <p>3.4- Profissionais responsáveis, sociedade e governo;</p> <p>3.5- Estado emocional do aluno.</p>

Em relação à Questão 3, sobre o que os professores pensam sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos, é possível notar que os participantes não relatam

qual sua percepção acerca das dificuldades de aprendizagem encontradas em sala de aula, já sobre a segunda parte da questão, em relação a quem os mesmos atribuem a responsabilidade das dificuldades encontradas nos alunos, há vários pontos citados.

A ausência ou descompromisso da família é o ponto mais levantado quanto à responsabilidade pelas dificuldades de aprendizagem encontradas nos alunos, assim como podemos notar nas questões anteriores. Sabemos o quanto a família é importante no processo de ensino-aprendizagem do aluno, mas é necessário que o professor possa ver além da dificuldade, sem culpar apenas a família pelas dificuldades encontradas em sala de aula, assim como afirma Fonseca (2008), propondo e buscando sempre alternativas para que o aluno tenha motivação ao aprender, interesse e vontade de levar as atividades feitas para casa.

Outros pontos levantados são o governo, a coordenação pedagógica, direção da escola, auxílio de profissionais qualificados – psicólogos, psiquiatras, fonoaudiólogos, entre outros, e o próprio professor.

Aos citarem o professor como responsável pelas dificuldades de aprendizagem encontradas em sala de aula, tem-se uma positiva conscientização dos mesmos quanto ao papel que exercem e sobre a importância de realizarem um trabalho bem feito, já que isso seria uma forma de reverter ou mesmo melhorar as dificuldades de aprendizagem de seus alunos (MOISÉS, 1999). E ainda dentro deste contexto, temos a contribuição de um dos participantes: *“Na minha opinião cada criança tem o tempo de despertar para o aprendizado, cabe a nós professores estimulá-los para que descubram o tempo certo e despertem para novos aprendizados. A responsabilidade é de todos”* (P3).

Há também o tópico sobre o estado emocional do aluno, ou seja, se o mesmo está enfrentando, dentro ou fora da escola, situações que façam com que ele não consiga se concentrar gerando, muitas vezes, o mau comportamento. É dever, então, do professor se aproximar deste aluno com intuito de ajudá-lo, não só ao que se refere aos pontos cognitivos, mas também pelo lado humano, assim como afirma Morales (2000) que devemos ver o papel do professor de maneira diferente e não limitada apenas a condutas acadêmicas como explicar, esclarecer, corrigir.

Quadro 7: Instrumento de análise 1: Expressões-chaves referente à questão: *Séries que apresentam maiores dificuldades de aprendizagem.*

Questão 4	Expressão-Chave
4 – Quais as séries em que você encontra maior dificuldade de aprendizagem?	P1 – <i>“Quando o aluno não faz um 1º ano bem feito o professor encontrará dificuldade nas séries seguintes”.</i>

	<p>P2 – <i>“Qualquer série, depende do aluno”</i>.</p> <p>P3 – <i>“Dificuldades existem em todas as séries, mas nos últimos anos do Ensino Fundamental é o que mais aparece”</i>.</p> <p>P4 – <i>“As crianças apresentam maior dificuldade nas séries finais por causa das defasagens de aprendizagem”</i>.</p> <p>P5 – <i>“No 5º ano, pois as dificuldades vão se acentuando”</i>.</p> <p>P6 – <i>“Acredito que nos últimos anos do ciclo é que a dificuldade aparece. Muitos alunos já possuem dificuldades no 2º ano e apenas é acudido quando estes chegam no 5º ano”</i>.</p> <p>P7 – <i>“Não acredito que exista uma série/ano que encontramos maior dificuldade de aprendizagem”</i>.</p> <p>P8 – <i>“5º ano”</i>.</p> <p>P9 – <i>“Nas séries finais, pois é onde os problemas se agravam já que não há retenção nas outras séries e o aluno vai passando de ano com grande defasagem na aprendizagem”</i>.</p>
--	--

Quadro 8: Instrumentos de análise 2: Categorias empíricas levantadas referente à questão: *Séries que apresentam maiores dificuldade de aprendizagem.*

Tema 4	Categorias Empíricas levantadas
4 – Séries que apresentam maiores dificuldades de aprendizagem.	4.1 - Fazer o 1º ano de forma satisfatória. 4.2 – Depende do aluno. 4.3 - Últimos anos do Ensino Fundamental. 4.4 - 5º ano.

Ao se analisar as respostas referente à Questão 4, é possível afirmar que seis, dos nove participantes, apontam que as maiores dificuldades de aprendizagem encontradas estão no 5º ano (antiga 4ª série), ou os últimos anos do Ensino Fundamental. Segundo Loureiro (2008), ao entrar no ensino fundamental, a criança vive um momento de transição e evolução, que nem sempre é facilmente assimilado por elas. Além das exigências do ensino formal, há os aspectos emocionais que também influenciam nesse processo e a expansão da rede de relacionamentos da criança. Por isso, o processo de adaptação da mesma à escola deve ocorrer da forma mais saudável possível (ALMEIDA, 2008).

Outra fala de um dos professores entrevistados chama a atenção: *“Acredito que nos últimos anos do ciclo é que a dificuldade aparece. Muitos alunos já possuem dificuldades no 2º ano e apenas é acudido quando estes chegam no 5º ano”* (P6). Como afirma Smith e

Strick (2001), em alguns casos, a criança convive sozinha com suas dificuldades sem que ninguém se dê conta disso, o que pode contribuir para o agravamento das mesmas. De acordo com as autoras, adota-se o “esperar para ver” até se resolver tomar alguma atitude. Pois quando mais cedo for identificada a dificuldade, mais rápida esta poderá ser tratada, diminuindo assim, o sofrimento da criança.

É válido ressaltar que um dos professores apontou que dependerá do aluno apresentar dificuldades de aprendizagem ou não, independente da série. Sobre isso, Nucci (1997) afirma que cada criança apresenta peculiaridades no seu processo de alfabetização: seu tempo, estilo e história, e deve ser respeitado.

Dentre as respostas, houve a contribuição de um dos participantes quanto à importância do aluno exercer o 1º ano do Ensino Fundamental de forma satisfatória, assim terá maior facilidade nos anos seguintes tendo menos dificuldades em seu processo de ensino-aprendizagem. A todas as crianças deve ser oferecido um ambiente escolar adequado, que o estimule a aprender e que atenda às suas necessidades, para que assim, o sucesso na aprendizagem seja maior (FONSECA, 2008).

Quadro 9: Instrumento de análise 1: Expressões-chaves referente à questão: *Estratégias realizadas com a criança quando identificado a dificuldade de aprendizagem.*

Questão 5	Expressão-Chave
5 - No seu contexto de trabalho atual quais as estratégias realizadas com a criança quando identificado a dificuldade de aprendizagem?	<p>P1 – <i>“Atividades sistemáticas e diversificadas que vão de encontro com suas dificuldades”.</i></p> <p>P2 – <i>“Aulas de reforço com atividades diferenciadas, (...) atendimento individualizado durante as aulas; encaminhamento, quando necessários”.</i></p> <p>P3 – <i>“Um aspecto primordial a meu ver, é a afetividade para que haja a interação professor/aluno e aluno/professor”.</i></p> <p>P4 – <i>“Atendimento individualizado”.</i></p> <p>P5 – <i>“Intervenções diretas e pontuais; trabalho com modalidades organizativas (projetos, sequências...)”.</i></p> <p>P6 – <i>“Primeiramente, converso com os pais para saber se esta dificuldade é neurológica, ou seja, física e que necessita de médico ou remédio”.</i></p> <p>P7 – <i>“Fortalecer nesses alunos a confiança em sua capacidade de aprender; se necessário, encaminhar para um especialista competente”.</i></p> <p>P8 – <i>“Leitura com a criança; conto; reescrita. O processo tem que partir dos conhecimentos que o aluno traz e a partir daí buscar soluções para as defasagens”.</i></p> <p>P9 – <i>“Primeiramente tentar uma avaliação de um profissional habilitado para identificar possíveis transtornos de aprendizagem (como déficit de atenção ou hiperatividade)”.</i></p>

Quadro 10: Instrumentos de análise 2: Categorias empíricas levantadas referente à questão: *Estratégias realizadas com a criança quando identificado a dificuldade de aprendizagem.*

Tema 5	Categorias Empíricas levantadas
5 - Estratégias realizadas com a criança quando identificado a dificuldade de aprendizagem.	5.1 – Atividades sistemáticas. 5.2 – Aulas de reforço. 5.3 – Afetividade. 5.4 – Atendimento individualizado. 5.5 – Avaliação profissional. 5.6 – Conversa com os pais. 5.7 – Fortalecer confiança.

Nesta questão, o objetivo era saber quais estratégias os professores utilizam quando é detectada a dificuldade de aprendizagem entre os alunos. Um fato interessante que pode ser ressaltado é que foram levantadas categorias empíricas diferenciadas: atividades sistemáticas, aulas de reforço, afetividade, atendimento individualizado, presença da família, fortalecer confiança do aluno e avaliação profissional. Apesar disso, consideramos que todas são importantes e contribuem para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem encontradas em sala de aula.

Segundo Fonseca (2008), após alguns meses de trabalho em sala de aula, o aluno deve apresentar algum progresso. Caso isso não aconteça, este merece uma atenção especial, que podem ser atividades sistemáticas, aulas de reforço e atendimento individualizado, para que o aluno seja acompanhado de perto.

Quando a criança apresenta implicações no seu processo escolar, a presença da família também é fundamental, mostrando-se interessada pelo o que está acontecendo dentro e fora da escola, obtendo assim maior motivação e aumento da confiança do aluno em sua capacidade de aprender. Na verdade, é necessária a ação conjunta entre aluno, família e professor (FONSECA, 2008), além da presença de um profissional especializado, como consideram os seguintes participantes: *“É necessário fazer um diagnóstico desses alunos; ir em busca de novas alternativas que garantam a aprendizagem de habilidades, conceitos, atitudes e competências; fortalecer nesses alunos a confiança em sua capacidade de aprender; se necessário, encaminhar para um especialista competente”.* (P7). *“Primeiramente tentar uma avaliação de um profissional habilitado para identificar*

possíveis transtornos de aprendizagem (como déficit de atenção ou hiperatividade). Depois uma ajuda individualizada ao aluno, com intervenções pedagógicas adequadas visando sanar as dificuldades. Tentar variar as metodologias utilizadas”. (P9)

Com a ajuda de um profissional especializado a dificuldade de aprendizagem será compreendida de forma mais precisa, o que contribuirá para uma ação mais efetiva (SMITH; STRICK, 2001), como por exemplo, a avaliação do programa educacional, adequação do ensino às necessidades do aluno, buscar novas estratégias de ensino e estabelecer novos objetivos para o mesmo, tanto em casa quanto na escola.

Smith e Strick (2001) apontam que fortalecer a confiança do aluno é essencial: estes precisam ser motivados, apoiados e incentivados para que creiam nas próprias possibilidades de sucesso, e não percam o interesse pela aprendizagem, o que seria um problema ainda maior. Além do mais, os alunos devem estar cientes dos seus problemas, para que saibam seus recursos e fraquezas, inclusive, aceitem a si mesmos. Esse encorajamento do aluno deve partir tanto do professor quanto da família.

E ainda neste contexto, é possível considerar a afetividade como uma estratégia importante no trabalho com as dificuldades de aprendizagem: *“Um aspecto primordial a meu ver, é a afetividade para que haja a interação professor/aluno e aluno/professor e a partir daí trabalho de acordo com as necessidades dos alunos, usando atividades diversificadas e específicas” (P3).*

Para Pimentel (1967), a afetividade deve ser uma aliada dentro e fora da sala de aula, pois esta consolida o elo entre professor e aluno, o que contribui para o desenvolvimento e interesse das atividades propostas. Caso haja algum desafeto, isso desencadeará em um bloqueio, no que se refere ao relacionamento com o professor e também com o conteúdo proposto.

Quadro 11: Instrumento de análise 1: Expressões-chaves referente à questão: *Os problemas de comportamento levam a problemas de aprendizagem ou que os problemas de aprendizagem geram problemas de comportamento.*

Questão 6	Expressão-Chave
6 - Você acha que os problemas de comportamento levam a problemas de aprendizagem ou que os problemas de aprendizagem geram problemas de comportamento?	P1 – <i>“Os dois. Um complementa outro”.</i> P2 – <i>“Depende, acho que as duas combinações são problemas”.</i> P3 – <i>“Os problemas de aprendizagem geram indisciplina”.</i> P4 – <i>“Quando a criança esta com problemas, não consegue se concentrar”.</i>

	<p>P5 – <i>“Cada caso é um caso e precisa ser analisado com atenção”</i>.</p> <p>P6 – <i>“E os problemas de aprendizagem desencadeiam em mau comportamento, por este aluno se sentir desmotivado”</i>.</p> <p>P7 – <i>“A indisciplina em sala de aula prejudica a aprendizagem assim como os problemas de aprendizagem ajudam o aluno a se comportar mal”</i>.</p> <p>P8 – <i>“Não”</i>.</p> <p>P9 – <i>“Os problemas de aprendizagem geram problemas de indisciplina”</i>.</p>
--	---

Quadro 12: Instrumentos de análise 2: Categorias empíricas levantadas referente à questão: *Os problemas de comportamento levam a problemas de aprendizagem ou que os problemas de aprendizagem geram problemas de comportamento.*

Tema 6	Categorias Empíricas levantadas
6 - Os problemas de comportamento levam a problemas de aprendizagem ou que os problemas de aprendizagem geram problemas de comportamento.	<p>6.1 – Problemas de aprendizagem e de comportamento estão inter-relacionados.</p> <p>6.2 – Cada caso é um caso.</p> <p>6.3 – Problemas de aprendizagem desencadeiam em mau comportamento/indisciplina.</p>

Nesta questão, tinha-se o objetivo de saber a opinião dos professores em relação ao paralelo estabelecido entre os problemas de aprendizagem e de comportamento.

Dentre as categorias empíricas levantadas, quatro dos nove professores apontam que os problemas de aprendizagem geram problemas de comportamento, como por exemplo, em: *“(...) quando a criança esta com problemas, não consegue se concentrar, ou se concentra menos, para aprender”* (P4) e *“(...) os problemas de aprendizagem desencadeiam em mau comportamento, por este aluno se sentir desmotivado”* (P6). Isso se deve ao fato de que, quando há algum tipo de dificuldade interferindo no processo de ensino-aprendizagem do aluno, este pode apresentar atraso escolar, baixo rendimento, perda de interesse e até mesmo desobediência e agressividade (AMARAL, 2011), pois se sente desmotivado e perde sua autoconfiança em aprender.

Para as autoras Smith e Strick (2001), quando as dificuldades de aprendizagem não são compreendidas como tais, só ajudam a convencer tanto pais quanto professores, de que o aluno é desinteressado, inclusive tachado de “aluno-difícil” ou “aluno-problema”. Esses rótulos geram sofrimento para o aluno, pois nenhum deles apresenta baixo rendimento por vontade própria.

Assim, considera-se outra categoria: problemas de aprendizagem e de comportamento estão inter-relacionados e que vai depender de cada aluno, na qual deve-se levar em conta sua história escolar e ambientes em que estão inseridos, lembrando que todo aluno deve ser compreendido de maneira global e integrada. Pois de acordo com Fonseca (2008), os processos orgânicos, cognitivos, familiares, emocionais, sociais e pedagógicos de cada aluno, determinam sua condição de sujeito.

Quadro 13: Instrumento de análise 1: Expressões-chaves referente à questão: *Motivação para desempenhar a profissão.*

Questão 7	Expressão-Chave
7 – Atualmente você se sente motivado a desempenhar sua profissão?	<p>P1 – <i>“Não. (...) ainda precisa mudar muita coisa na educação”.</i></p> <p>P2 – <i>“Sim. Adoro o que faço”.</i></p> <p>P3 – <i>“Sim. Simplesmente pelo sorriso e o carinho que recebo de cada criança”.</i></p> <p>P4 – <i>“Sim. Porque gosto muito do que faço, cada dia é um desafio novo e sempre estou me renovando para atender a maioria das necessidades de aprendizagem”.</i></p> <p>P5 – <i>“Apesar de todas as dificuldades que encontramos (...) acredito em nossa função na sociedade”.</i></p> <p>P6 – <i>“Sim. Coloquei sim por amar o que faço, porém em alguns momentos o desânimo chega”.</i></p> <p>P7 – <i>“Sim. Porque ainda amo o que faço, sonho, faço planos e ainda tenho como meta propiciar a aprendizagem de todos os alunos”.</i></p> <p>P8 – <i>“Sim. Meu desempenho com os alunos é motivado pelo sucesso e seu aproveitamento na aprendizagem”.</i></p> <p>P9 – <i>“Sim. Porque gosto do que faço”.</i></p>

Quadro 14: Instrumentos de análise 2: Categorias empíricas levantadas referente à questão: *Motivação para desempenhar a profissão.*

Tema 7	Categorias Empíricas levantadas
7 – Motivação para desempenhar a profissão.	7.1 – Não se sente motivada. 7.2 – Pelo sorriso e carinho de cada criança. 7.3 – Amor pelo que faz. 7.4 – Acreditar na função do professor na sociedade. 7.5 – A valorização do professor está relacionada com o sucesso acadêmico do aluno.

Na questão sete, os participantes foram questionados sobre a motivação ao desempenhar a profissão e observa-se que oito dos nove professores afirmam que se sentem motivados porque dizem gostar do que fazem, apesar das dificuldades encontradas ao longo do caminho.

É interessante notar que a motivação de alguns professores acontece devido à retribuição dos alunos, percebido pelo carinho demonstrado e pelo sucesso acadêmico dos mesmos, comprovando a importância da interação entre professor e aluno e que o processo ensino-aprendizagem não deve ser unidirecional. Isto também está ligado à afetividade, que já foi mencionado como fator de sucesso no processo de ensino-aprendizagem (CODD, 1999).

A motivação do professor no ensino é essencial para a motivação do aluno, pois como aponta Abreu e Masetto (apud AQUINO, 1990), a postura e o modo de agir do professor dentro de uma sala de aula contribuem para uma aprendizagem adequada. O professor promove a aproximação e aceitação dos alunos em relação ao conteúdo, tornando-se um motivador e facilitador do processo de aprendizagem.

Além disso, é importante lembrar a função do professor na sociedade, pois a aprendizagem “só irá ocorrer se quem ensina souber conduzir o processo na direção desejada” (MOISES, 1994, p. 25). Assim como Libâneo (1998) afirma que a função da escola é também assegurar que todos os alunos tenham acesso a um ensino capaz de promover reflexões com o intuito de formar cidadãos críticos, sem apenas transmitir conhecimentos.

Freire (1992, p. 11) também afirma que “É na fala do educador no ensinar (intervir, devolver, encaminhar), expressão do seu desejo, casado com o desejo que foi lido, compreendido pelo educando, que ele tece seu ensinar”.

Portanto, um professor motivado, terá o cuidado de sempre se atualizar, reciclar, se preparar adequadamente para a aula, pois o modo de agir do professor frente às situações na sala de aula é fator importante que colabora para uma aprendizagem dos alunos assim como ressalta Abreu e Masetto (apud AQUINO, 1990). Como consequência, se os alunos se sentem infelizes em relação à disciplina ou ao ambiente escolar, “não aprenderão muita coisa enquanto estiverem na escola nem permanecerão nela muito mais do que devem” de acordo com Ausubel; Novak; Hanesian (1980, p. 382).

Quadro 15: Instrumento de análise 1: Expressões-chaves referente à questão: *O que falta no ensino para que se atenda melhor e de maneira mais eficiente os problemas de aprendizagem na atualidade.*

Questão 8	Expressão-Chave
<p>8 - O que falta no ensino para que se atenda melhor e de maneira mais eficiente os problemas de aprendizagem vivenciados na atualidade?</p>	<p>P1 – <i>“Envolvimento da família, profissionais para atuar nos problemas específicos dos alunos, professores bem preparados”.</i></p> <p>P2 – <i>“Profissionais especializados”.</i></p> <p>P3 - <i>“Formação continuada de professores, mais apoio da gestão escolar”.</i></p> <p>P4 – <i>“A família precisa assumir as responsabilidades com a criança”.</i></p> <p>P5 – <i>“O ensino em nosso país necessita de uma reforma na base e não de projetos para sanar problemas emergentes como ocorre atualmente”.</i></p> <p>P6 – <i>“Seria necessário especialistas como fonoaudióloga, psicóloga, terapeuta ocupacional, presentes nas escolas”.</i></p> <p>P7 – <i>“Falta envolvimento da família nas questões escolares”.</i></p> <p>P8 – <i>“Um apoio psicopedagógico para as crianças que tenham uma estrutura familiar desequilibrada”.</i></p> <p>P9 – <i>“Mais formação ao professor. Mais apoio da gestão escolar nos problemas enfrentados pelo professor”.</i></p>

Quadro 16: Instrumentos de análise 2: Categorias empíricas levantadas referente à questão: *O que falta no ensino para que se atenda melhor e de maneira mais eficiente os problemas de aprendizagem na atualidade.*

Tema 8	Categorias Empíricas levantadas
8 - O que falta no ensino para que se atenda melhor e de maneira mais eficiente os problemas de aprendizagem na atualidade.	8.1 - Envolvimento e responsabilidade da família. 8.2 – Necessidade de profissionais especializados e específicos/apoio psicopedagógico. 8.3 Professores preparados. 8.3 – Formação continuada; apoio da gestão escolar. 8.5 – Reforma na base da educação.

Conforme as categorias empíricas levantadas sobre o que falta no ensino para que se atenda melhor os problemas de aprendizagem na atualidade, alguns pontos pertinentes foram levantados, tais como o envolvimento e responsabilidade da família para com o aluno, professores preparados, profissionais especializados e apoio da gestão escolar. E de fato, estes elementos contribuem para uma ação de sucesso.

A equipe escolar, por exemplo, principalmente os professores, são os que mais podem contribuir para a identificação de algum tipo de dificuldade de aprendizagem, pois, para Fonseca (2008), eles têm papel fundamental neste processo e estão acompanhando o desenvolvimento do aluno, visto que são os primeiros a terem contato direto com o mesmo.

Ainda considerando o período de escolarização abordado nesse trabalho – Ciclo I do ensino fundamental – fase totalmente voltada para o desenvolvimento da aprendizagem – e, segundo Almeida (2008), os primeiros cinco anos de vida da criança ainda estão fortemente vinculados à mãe, ou seja, na escola, o professor será semelhante à figura materna, e por isso precisa estar presente na vida dos alunos.

No entanto, sabe-se que a educação se inicia em casa e o ambiente o qual a criança estará exposta influenciará a sua formação (FONSECA, 2008). Deste modo, Nucci (1997) corrobora a ideia de que é através de atividades do cotidiano da criança, uso de materiais disponíveis em casa e condições de estímulo oferecido à mesma que a criança começa a se desenvolver no processo de alfabetização. Sendo assim, podemos observar através desta e das demais questões a importância da família no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Outra categoria apontada foi a falta de profissionais especializados e capacitados para lidarem com as diversas situações presentes nas escolas. Sabemos que a ausência de profissionais como psicólogo e fonoaudiólogo é uma realidade na maioria das escolas, o que dificulta o trabalho com as dificuldades de aprendizagem. Um dos participantes

relata isso: “No caso da rede estadual, seria necessário especialistas como fonoaudióloga, psicóloga, terapeuta ocupacional, presentes nas escolas para atender melhor as crianças com suas dificuldades” (P6). Na mesma linha de pensamento, outro professor diz que seria necessária “Mais formação ao professor. Mais apoio da gestão escolar nos problemas enfrentados pelo professor, muitas vezes se sentem sozinhos tentando resolver os problemas do aluno” (P9).

Além disso, percebe-se também através das respostas à pesquisa que também estão faltando profissionais capacitados: “(...) falta os professores conhecerem novas tecnologias e estarem preparados para usá-las, falta o educador ter conhecimento pleno sobre a evolução do processo cognitivo da criança e estar aberto ao novo” (P7). Cada criança é única, com seu próprio estilo, tempo e história. Assim, para Nucci (1997), a criança pode ou não estar preparada para iniciar seu processo de alfabetização ao iniciar a escola, logo o professor deve compreender e buscar alternativas para lidar com isso.

É preciso, portanto, uma ação conjunta dos professores, família, escola e profissionais especializados, para que estas dificuldades sejam tratadas de maneira efetiva e sejam superadas, evitando situações de desconforto para a criança. Segundo Smith e Strick (2001), o aluno precisará de apoio para que não se sinta desmotivada e não desacredite na sua capacidade de sucesso.

Quadro 17: Instrumento de análise 1: Expressões-chaves referente à questão: *Sugestões para a formação continuada do professor.*

Questão 9	Expressão-Chave
9 - Qual sua sugestão para a formação continuada de professores nessa faixa escolar?	P3 – “Formação continuada relacionada à inclusão na sala de aula que possam ser utilizadas na prática”. P6 – “Deveria ser oferecido oportunidades de cursos que contemplem a prática pedagógica, com sugestões mais práticas”.

Quadro 18: Instrumentos de análise 2: Categorias empíricas levantadas referente à questão: *Sugestões para a formação continuada dos professores.*

Tema 9	Expressão-Chave
9 – Sugestões para a formação continuada dos professores.	9.1 – Muito importante. 9.2 – Atividades práticas voltadas para inclusão. 9.3 – Cursos para os professores.

Por fim, aos participantes da pesquisa foram pedidas sugestões para a formação continuada do professor, o que é de suma importância. Pois, profissionais capacitados sabem lidar melhor com a diversidade de situações encontradas no ambiente escolar, inclusive no que se refere a atender as necessidades dos alunos que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem.

No entanto, não houve muita adesão dos professores a essa questão e muitos a deixaram em branco. Nos chama atenção o fato dos professores cobrarem a formação continuada, porém não sugerirem alternativas para o assunto.

Os que responderam, sugerem cursos para professores que contemplem a prática pedagógica, porque muitas vezes a teoria não se encaixa na realidade, o que acaba sendo uma dificuldade para os professores lidarem com as mais diversas situações. Deste modo, um professor sugere que *“Deveria ser oferecido oportunidades de cursos que contemplem a prática pedagógica, com sugestões mais práticas, pois muitos dos cursos só apresentam a teoria”* (P-6). E também, formações a respeito da inclusão social, que como já foi mencionado, tem sido motivo de preocupação dos professores.

Considerações finais e implicações educacionais

Ao desenvolver este trabalho, o nosso objetivo foi analisar a percepção dos professores acerca das dificuldades de aprendizagem. Para tanto, foi necessário um estudo sobre a aprendizagem. Assim, convém lembrar que a linguagem foi um marco na humanidade, tornando-se um forte diferencial entre o ser humano e todos os outros seres. Nesta mesma linha de pensamento, considerando o fato de que a linguagem humana é significativa, ela relaciona-se diretamente ao pensamento, logo, ao uso do cérebro – um sistema extraordinário, todo responsável pelo o aprendizado.

Percebemos que uma fase da vida diretamente relacionada à aprendizagem é a infância, embora o aprendizado aconteça durante a vida toda, a capacidade de absorção de novos conhecimentos diminui gradativamente ao longo da vida. Quanto mais jovem, maior a plasticidade do cérebro, ou seja, maior a capacidade de aquisição.

Além disso, devemos lembrar, dentre os autores estudados, que Santos (2002) apontou as seis características básicas que englobam o processo de aprendizagem, são os processos: dinâmico, contínuo, global, pessoal, gradativo e cumulativo. Concluímos, portanto,

que a aprendizagem é um processo interno, inseparável do ser humano, ocorrendo mediante uma prática ou experiência.

Ao realizar este trabalho, buscamos também em quais séries do ensino formal se encontram os maiores índices de dificuldades de aprendizagem, para que assim, pudéssemos nortear nosso estudo, e através da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, percebemos que estes se encontram nos primeiros anos do Ensino Fundamental, principalmente nas séries finais, como o 5º ano. É uma fase em que a criança está passando por um momento de evolução, há o desenvolvimento de novas habilidades, inserção em uma nova rede de relacionamentos, e isso causa um grande impacto na vida da mesma que nem sempre o assimila facilmente.

No que se refere às dificuldades de aprendizagem, através dos estudos realizados, percebemos que estas são fatores que interferem diretamente no sucesso do processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que o aluno se sinta desmotivado e com um sentimento de incapacidade em relação ao aprender, ocasionando baixo rendimento e atraso escolar. Estes são considerados sinais de alerta para que as dificuldades de aprendizagem sejam identificadas.

Ainda sobre as dificuldades, através de autores como Paín (1985), Smith e Strick (2001), pudemos observar que o início destas ocorre devido a fatores psicológicos, orgânicos e ambientais, determinantes na vida do aluno. Desta forma, tem-se a necessidade de enxergar o aluno de forma global, levando em conta seus sentimentos, emoções, contexto social e cultural, ou seja, as individualidades de cada um.

No que se refere à pesquisa de campo realizada em uma Escola Pública Estadual de Ensino Fundamental da cidade de Franca, observamos que a bibliografia estudada está relacionada com os resultados da análise. Na percepção dos professores, as dificuldades de aprendizagem acabam gerando problemas de indisciplina, pois os alunos se sentem desmotivados em relação à aprendizagem, e acabam apresentando sintomas como desinteresse, baixo rendimento, desobediência e até mesmo mau comportamento.

De acordo com a pesquisa, observamos que estes dois fatores (dificuldades de aprendizagem e indisciplina) são confundidos, e assim, os alunos são tachados de preguiçosos, desinteressados ou “alunos-problemas”. Isso se deve ao fato também de falha na formação continuada dos professores e da gestão escolar em geral, que não estão preparados para lidar com esta realidade.

Sobre as estratégias a serem utilizadas para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem, concluímos que é necessária a ação conjunta entre família, professor, escola

e profissionais especializados, para que o sucesso do aluno no processo de ensino-aprendizagem seja garantido, porém, isso também é apontado como uma dificuldade encontrada no contexto escolar, principalmente a presença da família na escola.

Dentro deste contexto, de fato a família deverá estar ao lado da vida escolar do aluno para apoiá-lo, auxiliá-lo, incentivá-lo e mostrar ao mesmo o valor da escola, dos estudos, do professor e que ele é capaz de desenvolver as funções que lhe são propostas, a fim de motivá-lo. Neste ponto, percebemos pela pesquisa o quanto a família está afastada do ambiente da escola que os filhos vivenciam diariamente. Assim, notamos quão importante é a família no processo de ensino-aprendizagem.

Concluimos também quão importante é o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e que ele será o motivador dos conteúdos propostos. Através de nossa pesquisa, pudemos observar que os professores têm ciência do papel que exercem, porém, muitas vezes se sentem despreparados com as situações encontradas dentro e fora da sala de aula, o que acarreta mais dificuldades de aprendizagem e os levam a pensar que os alunos não se interessam ou tem problemas de indisciplina.

Desta forma, o professor para estar no papel de motivador da aprendizagem, deverá estar primeiramente motivado para preparação de suas aulas, ao buscar materiais diversificados e que despertem a curiosidade e interesse, ao levar o novo aos seus alunos e, inserir aos conteúdos temas relacionados à realidade da sala de aula, considerando assim, diferentes classes sociais, bagagens culturais diferentes, entre outros. E no que se refere aos alunos com dificuldades de aprendizagem, o professor deve buscar estratégias que se adequem à necessidade dos mesmos.

O ambiente escolar também exerce papel preponderante no processo de ensino-aprendizagem, pois também é considerado um ambiente motivador, assim deve oferecer condições apropriadas para que os alunos desenvolvam suas capacidades. Além do mais, esta deve estar mais preparada para lidar com a diversidade de seus alunos.

Desta forma, entendemos que a motivação deverá partir não somente do ambiente escolar e do professor, como também da família. A união destes âmbitos será de total importância para que o aluno esteja com um bom estado emocional e obtenha bons resultados nos aspectos cognitivos – o que mais uma vez, através da pesquisa de campo, pudemos perceber que está ausente nas salas de aula.

Por fim, notamos como a afetividade é fundamental neste processo, pois fortalece a relação professor-aluno, contribuindo para o bom desenvolvimento e aumento do

interesse pelo o que está sendo proposto. Caso contrário, uma relação de desafeto implica em um bloqueio tanto pelo professor, tanto pelo conteúdo proposto.

Como implicações educacionais deste estudo, podemos considerar que o mesmo possa vir a contribuir no melhor entendimento de outros contextos escolares sobre a percepção das dificuldades de aprendizagem. É importante destacar que através dos dados obtidos não podemos generalizar o estudo para diversos contextos, pois cada realidade escolar é singular e possui suas próprias características.

No entanto, como implicações educacionais, o presente estudo possibilita considerarmos algumas sugestões de ações que poderiam auxiliar e subsidiar outras investigações sobre o tema, tais como:

- Formação continuada dos professores (e também de toda equipe escolar), que abordem questões práticas e situações vivenciadas no contexto atual, como dificuldades de aprendizagem e inclusão social;

- Inserção de profissionais especializados nas escolas, tais como: psicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos;

- Desenvolver atividades diferenciadas e novas estratégias de aprendizagem que motivem os alunos, trabalhem a autonomia e recuperem o prazer em aprender;

- Reforços com atividades voltadas para as necessidades específicas;

- Revisão da metodologia didática;

- Valorização das produções singulares das crianças;

- Criação de novos instrumentais para compreender a complexidade da realidade escolar: entrevistas, observações, visitas domiciliares e conversas informais;

- Criação de um espaço no qual atores escolares possam debater, expressar conflitos e debater ações;

- Discutir a importância da família no contexto escolar, buscando trazê-las para dentro da Instituição;

- Projetos de valorização da autoestima, recuperação da autoconfiança, relação família-aluno, socialização e temas que sejam pertinentes para os alunos e/ou família;

- Intervenção junto ao professor, escola, família e aluno, inseridos em grupos de atendimento, por exemplo.

Dessa forma, concluímos que há a necessidade de uma ação conjunta entre aluno, família, escola, inclusive de profissionais especializados, para que possamos buscar atender as dificuldades de aprendizagem da melhor maneira possível, contribuindo para que o

aluno se desenvolva plenamente e torne-se independente, agindo como autor do seu próprio conhecimento e obtenha sucesso no seu processo de ensino-aprendizagem.

Referências

ALMEIDA, J. R. S. *O desenvolvimento psicossocial da criança*. 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-desenvolvimento-psicossocial-da-crianca/8650/>> Acesso em: 02 ago. 2012.

ALMEIDA, R. M. *As dificuldades de aprendizagem: repensando o olhar e a prática no cotidiano da sala de aula*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2002.

AMARAL, S. A. T. *Dificuldades de aprendizagem: uma realidade no contexto escolar*. 2011. Disponível em: <<http://revistadaesab.com/?p=326>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

AQUINO, J. G. *Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno*. São Paulo: Summus, 1996.

AUSUBEL, D.P.; NOVAK, J.D.; HANESIAN, H. *Psicologia da educação*. Tradução de Eva Nick et al. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BOGDAN, R., BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. 3. ed. Brasília, 2001.

CARVALHO, A. M. P. Baixo rendimento escolar: uma visão a partir do professor. In: FUNAYAMA, C. A. R. (Org.). *Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar*. 3. ed. Campinas: Alínea. 2008.

CHAVES, S.S.; SANTOS, S. B. *Problemas de aprendizagem: fracasso escolar. De quem aprende, ou de quem ensina?* (Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Pedagogia). UNAMA, Belém: 2002. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/problemas_de_aprendizagem_fracasso_escolar.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2012.

CODO, W. *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999.

DISGRAFIA. Associação Portuguesa de Pessoas com Dificuldades de Aprendizagem Específicas – APPDAE. 2008. Disponível em: <<http://www.appdae.net/disgrafia.html>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

DISLEXIA – definição, sinais e avaliação. Associação Brasileira de Dislexia - ABD. 1983. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

ESLINGER, P. J. *Desenvolvimento do cérebro e aprendizado*. 2003. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n17/mente/brain-development_p.htm>. Acesso em: 01 set. 2012.

FERACINE, L. *O professor como agente de mudança social*. São Paulo: E.P.U., 1990

FONSECA, J. F. O. *Dificuldade na aprendizagem*. (Tese de pós-graduação Latu Sensu – Curso em Alfabetização). Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: <http://sigplanet.sytes.net/nova_plataforma/monografias../5676.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2012.

FONSECA, V. Visão Integrada da aprendizagem. In:_____. *Introdução às dificuldades de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. cap. 5, p. 127-147.

FREIRE, M. O sentido da aprendizagem. In:_____. *Paixão de aprender*. Petrópolis: Vozes. 1992.

FREIRE, P. *Conscientização - teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes. 1980.

GADOTTI, M. *Paulo Freire no contexto do pensamento pedagógico contemporâneo: convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1989.

JARDIM, W.R.S. *Dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental*. 2. ed. São Paulo: Loyola. 2005.

JOSÉ, E. A.; COELHO, M. T. *Problemas de aprendizagem*. São Paulo: Ática. 2006.

LDB - *Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. LEI N°. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2012.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A.M.C. *O Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)*. Caxias do Sul: Educs. 2003.

LIBÂNEO, J. C. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA, R.F.; MELLO, R.J.L.; MASSON, I. I.; CIASCA, S.M. *Dificuldades de aprendizagem: queixas escolares e diagnóstico em um Serviço de Neurologia Infantil*. Revista Neurociências: 2006; 14(4):185-190. Disponível em: <<http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2006/RN%2014%2004/Pages%20from%20RN%2014%2004-3.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2012.

LOPES, A. (et al). *Repensando a didática*. São Paulo: Papirus. 1991.

LOUREIRO, S. R. Aprendizagem escolar: avaliação de aspectos afetivos. In: FUNAYAMA, C. A. R. (Org.). *Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar*. 3. ed. Campinas, São Paulo: Alínea. 2008.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MINAYO, M.C.S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Vozes, 1994.

MOISÉS, L. M.. *O desafio de saber ensinar*. 4. ed. Campinas: Papyrus. 1999.

MORALES, P. *A relação professor-aluno*. São Paulo: Loyola. 2000.

MOREIRA, M. A. A teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget. In: _____. *Teorias de aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1999. Cap. 6, p. 95-107.

NOVAES, M.H. *Psicologia escolar*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

NUCCI, E. P. *Interesses e dificuldades dos pais na alfabetização dos filhos*. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v1n2-3/v1n2-3a03.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2012.

NUTTI, J. Z. Distúrbios, transtornos, dificuldades e problemas de aprendizagem. 2002. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=339>>. Acesso em: 29 jul. 2012.

O CAMINHO da verdade. Disponível em: <<http://viaverita.blogs.sapo.pt/16578.html>>. Acesso em: 30 ago. 2012.

OLIVEIRA, L.H. Cérebro humano. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/saude/cerebro-humano-endereco-inteligencia-439229.shtml>>. Acesso em: 01 set. 2012.

OLIVEIRA, L.H. Seu cérebro: Eis o que você é. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/seu-cerebro-eis-voce-e-436343.shtml>>. Acesso em: 01 set. 2012.

O que é TDAH? Associação Brasileira do Déficit de Atenção - ABDA. 1999. Disponível em: <<http://www.tdah.org.br/br/sobre-tdah/o-que-e-o-tdah.html>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

PAÍN, S. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed. 1985.

PALMER, J. A. Lev Semyonovich Vygotsky 1986 – 1934. In: _____. *50 grandes educadores* São Paulo: Contexto, 2006.

PIMENTEL, L. *Noções de psicologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

SANTOS, R.P. Aprendizagem. In: _____. *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. São Paulo: i editora, 2002. Cap 2, p. 10-22.

SILVA, R.C. A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisa. In: ROMANELLI, G. (Org.); BIASOLI-ALVES, Z.M. *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. 178p. Parte II, cap. 8, p.159-174.

SMITH, C.; STRICK, L. *Dificuldades de aprendizagem de A a Z*: um guia completo para pais e educadores. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed. 2001.

VIAGEM fantástica do corpo humano. Disponível em: <
<http://www.youtube.com/watch?v=Xm0jb7vXSfo>>. Acesso em: 05 set. 2012.

ANEXO A

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FRANCA
UNIFACEF

Ilma Sra: Elizabeth Maria Rizzatti
MD Diretora da 16.16. Adalgisa de São José Gualtieri

Venho por meio deste requerer a sua ciência para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (pesquisa de campo) das alunas abaixo:
Angela Elaine Diloni e filha, Jéssica Antunes Couto e Juliana Alves Franca.

do 6º semestre do Curso de Letras da UNI-FACEF.

O trabalho tem como título "A percepção dos professores do ensino fundamental sobre as dificuldades de aprendizagem" e está sendo desenvolvido sob a minha orientação.

Desde já agradeço antecipadamente a atenção dispensada e coloco-me a disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Maria de Fátima Aveiro Colares

Atenciosamente

Profa Dra Maria de Fátima Aveiro Colares

Docente da UNI-FACEF



ANEXO B

ESCLARECIMENTOS AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

- 1) Nome da pesquisa: “A percepção dos professores do ensino fundamental sobre as causas das dificuldades de aprendizagem”.
- 2) Pesquisador responsável (orientadora do projeto): Dra. Maria de Fátima Aveiro Colares
CRP Nº: 06/ 25772-7
- 3) Alunos: Ana Flávia Vilioni e Silva, Íris Cintra Couto e Juliana Alves França
- 4) Descrição das informações que deverão ser obrigatoriamente prestadas aos participantes da pesquisa.

Você está sendo convidado para participar de um estudo, que tem como objetivo geral investigar a percepção dos professores em relação às dificuldades de aprendizagem no contexto escolar atual. O estudo consiste em responder um questionário que contém questões relativas à sua formação docente, dados sócio demográficos, à sua experiência pregressa escolar, e suas percepções sobre dificuldades de aprendizagem. Não há previsão de desconfortos e riscos para esta modalidade de estudo, no entanto você poderá se retirar da atividade a qualquer momento, sem prejuízo da mesma. Será mantido o sigilo referente à sua participação no estudo, e seu nome não será divulgado, no caso de publicação ou exposição do referido trabalho.

DATA: _____.

Dra. Maria de Fátima Aveiro Colares
Telefone para contato: 81125038

Ana Flávia Vilioni e Silva
Telefone para contato: 91770375

Íris Cintra Couto
Telefone para contato: 91129043

Juliana Alves França
Telefone para contato: 91357055

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu _____ abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições que constam no documento “ESCLARECIMENTOS AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA”, referente ao Projeto intitulado: “A percepção dos professores do ensino fundamental sobre as causas das dificuldades de aprendizagem”, que tem como pesquisador responsável a **Dra. Maria de Fátima Aveiro Colares**, especialmente no que diz respeito ao objetivo da pesquisa, aos procedimentos que serão utilizados, aos riscos e aos benefícios, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionadas:

- 1- A garantia de receber esclarecimentos a qualquer etapa do trabalho, dos riscos e benefícios que a técnica utilizada poderá trazer.
- 2- A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso traga prejuízo à continuidade do trabalho.
- 3- A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com a minha privacidade.
- 4- O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo.

Declaro, ainda, que concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em participar do referido projeto.

Franca, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Professor

ANEXO D

NOTA EXPLICATIVA

Prezado professor:

As questões abaixo têm o objetivo de conhecer a sua opinião a respeito da sua escolha profissional, da sua formação docente e a respeito da sua percepção acerca dos problemas de aprendizagem. O nosso interesse é, através do conhecimento e da opinião de alguns professores, podermos aprimorar os estudos na área das dificuldades de aprendizagem. Sua colaboração, ao responder, será muito importante para o aprimoramento e avaliação dos temas apresentados.

ATENÇÃO: NÃO É NECESSÁRIA A IDENTIFICAÇÃO NOMINAL

I - Dados sócio demográficos:

Idade: _____ Sexo: () M () F

Estado civil: solteiro () casado () outros ()

Religião:

Profissão do pai: _____

Profissão da mãe: _____

Escolaridade do pai: _____

Escolaridade da mãe: _____

Procedencia:

- a) () Franca
- b) () Cidades da região de Franca (até 150Km)
- c) () Outras cidades do interior de São Paulo
- d) () São Paulo – capital
- e) () Outros Estados

II - Dados educacionais:

Escolas que frequentou:

Ensino fundamental:

() escola pública () escola privada () outras Especificar: _____

Ensino Médio:

() escola pública () escola privada () outras Especificar: _____

Ensino Superior:

() Faculdade pública () Faculdade privada () Outras Especificar: _____

III- Escolha Profissional:

Descreva abaixo quais as razões que o levaram a escolher a profissão de professor.

IV- Experiência docente

1) Curso que fez: _____

2) Duração do curso: _____

3) Instituição: () pública () particular

4) Ano em que se formou: _____

5) Número de anos na docência: _____

Escola Particular: () sim () não quantos anos: _____

Escola Pública: () sim () não quantos anos: _____

() Outra alternativa Especificar: _____

6) Nível escolar de atuação (tanto particular como pública)

() Ensino fundamental

() Ensino médio

() Educação Especial

() Educação de Adultos

() Outros

7) Na atividade docente quais as disciplinas que você já lecionou? Especifique o ano e a série.

8) Atualmente qual é a disciplina(s) que leciona? Em que série?

PARTE II

1) Quais os fatores você acha que são importantes para a aprendizagem dos alunos?

2) Quais são as principais dificuldades encontradas em sala de aula?

3) O que você pensa sobre a dificuldade de aprendizagem dos alunos? A quem você atribui essa responsabilidade?

4) Quais as séries em que você encontra maior dificuldade de aprendizagem?

5) Como é o trabalho realizado com a criança quando identificado a dificuldade de aprendizagem?

6) Você acha que os problemas de comportamento levam a problemas de aprendizagem ou que os problemas de aprendizagem geram problemas de comportamento?

PARTE III

V- A motivação do professor

1) Atualmente você se sente motivada a desempenhar sua profissão?

() sim () não

Por quê?

2) O que falta no ensino para que se atenda melhor e de maneira mais eficiente esses problemas de aprendizagem?

3) Qual sua sugestão para a formação continuada de professores nessa faixa escolar?

VI- Se desejar faça comentários adicionais que sentir necessidade, sobre alguns dos temas que foram abordados neste questionário.

MUITO OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO!